



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA
DA ÁFRICA, DA DIÁSPORA E DOS POVOS INDÍGENAS

FLÁVIA SANTANA SANTOS

RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO
“UM QUILOMBO URBANO CHAMADO RUA NOVA”

CACHOEIRA – BA

2016

FLÁVIA SANTANA SANTOS

RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO
“UM QUILOMBO URBANO CHAMADO RUA NOVA”

Relatório técnico final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História sob orientação do **Profº Dr Emanuel Luís Roque Soares** e co-orientação do **Profº Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.**

CACHOEIRA – BA

2016

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

Santos, Flávia Santana
S237r Relatório técnico de produção do paradidático: um quilombo urbano
chamado Rua Nova / Flávia Santana Santos. – Cachoeira, 2016.
163 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Luis Roque Soares.

Coorientador: Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso S. Pires.

Dissertação (mestrado profissional) - Programa de Pós-Graduação em
História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Universidade
Federal do Recôncavo da Bahia, 2016.

Este relatório possui o livro paradidático e o manual do professor
como anexos.

1. Quilombos - Brasil - História. 2. Quilombo Rua Nova - Feira de
Santana (BA). 3. Quilombo urbano. I. Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras.
Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos
Povos Indígenas. II. Título. III. Título: Um quilombo urbano chamado
Rua Nova.

CDD: 305.896981

FLÁVIA SANTANA SANTOS

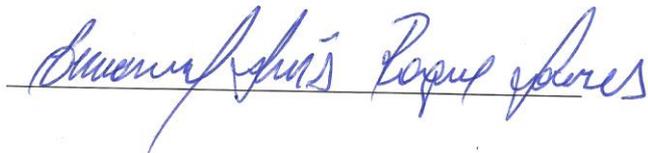
**RELATÓRIO FINAL DE PRODUÇÃO DO PARADIDÁTICO
“UM QUILOMBO URBANO CHAMADO RUA NOVA”**

Relatório Técnico submetido à avaliação para obtenção do grau de Mestre em História do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 28 de abril de 2016.

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares (UFRB – Orientador)



Prof. Dr. Josivaldo Pires de Oliveira (UNEB – Examinador)



Prof. Dr. Leandro Antônio de Almeida (UFRB – Examinador)

CACHOEIRA - BA

2016

À mainha e a painho (*in memorian*) por terem escolhido me gerar depois de sete
filhos.

Às meninas e aos meninos lá de casa na extensão de irmãs, irmãos sobrinhas e
sobrinhos.

À todos meus amigos e amigas que “vadiaram” comigo pelas ruas da Rua Nova.

À Exu, Xangô, Iansã, Ogum e Oxum.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos, texto que é carregado de emoção, agradecendo a mainha, expressão viva de generosidade, minha força! Minha ancestral que se fez em mim inúmeras vezes para alimentar-me de fé e força quando essas estavam poucas. Meu amor e gratidão aqui expressados não chegam aos pés da intensidade do afeto que carrego no peito.

À orixá pelo amor que me ensinou a ter ao que não vejo, mas aos ventos que me regem e as forças que me erguem. A Exú por ter abrido meus caminhos, a minha mãe Iansã por ter me ensinado a ser brisa e tempestade, a Ogum meu pai por me ensinar a embainhar uma espada para sempre vencer as batalhas, a Xangô por alafiar seu machado na hora da minha agonia, a Oxum, minha mãe querida por ter me ensinado a tecer o tempo com paciência e sabedoria.

Às minhas irmãs e amigas, Bebeu (Joelma), (Pata) Jackeliny, (Jau) Jaliane, por me amarem e me apoiarem na minha apimentada diferença. Em especial a Joelma e Jackeliny, as quais estavam próximas e dividiam comigo a ansiedade do término do trabalho. Sou por que somos!

Aos meus irmãos Cal (José Carlos), Joselito (Tinha) e a Joanderson (Bolinha) pelo cuidado e pelas inúmeras histórias sobre a infância de vocês na Rua Nova, elas foram minhas inspirações para escrever o livro.

À Thaís, Caio e Murilo (sobrinha e sobrinhos) pelas sugestões engrandecedoras para o projeto gráfico do livro.

À minha tia Ivanide Santa Bárbara por me ensinar combater o racismo e me dizer inúmeras vezes que eu ia longe. Deu certo minha tia!

À Urânia, Reginildes, Karine e Elane por me formarem enquanto militante e me inspirarem a entrar na universidade.

À Prof^a Dr. Edna Araújo, primeira mulher negra nascida na Rua Nova que se tornou doutora. Obrigada pela referência e representatividade.

Aos meus queridos professores Adevaldo Aragão e Robérico Celso por terem me estimulado ainda no penúltimo semestre da graduação a fazer mestrado.

Às minhas amigas e companheiras de carnaval, Cláudia e Tânia pela força e exemplos de mulheres inteligentes e fortes.

À Cristina (Lola), que me concedeu fotografias do seu acervo particular e muito contribuiu para minha pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Emanuel Luís Roque Soares pela amizade, pelo exemplo de educador e pesquisador, pela maestria e sensibilidade no trato com a minha escrita. Obrigada por saber lidar com minha teimosia.

Ao meu co-orientador, Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires pela amizade, por ser um ser iluminado de sabedoria e inteligência para lidar com as pessoas e com a vida. Obrigada por confiar em mim.

Aos Professores Drs. Josivaldo Pires de Oliveira (Mestre Bel) e Leandro Antônio de Almeida por aceitarem o convite do exame de qualificação e da banca de defesa.

À Babá Afonso, mainha (D. Tecla) Nilton Rasta, Professora Lourdes, Cirene, Edvaldo, Antonhe Fala Grossa, Dona Creme (*in memoriam*) e Mané Preto que me concederam entrevistas as quais foram essenciais para construção do livro.

À Rosy de Oliveira por ter me dado a oportunidade de viver dias de aprendizados que levarei para a vida toda. Não esquecerei de uma palavra que me disseste. Gratidão!

Ao corpo docente do Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pelo comprometimento e competência.

Aos funcionários terceirizados na pessoa de Patrícia Ramos e Luciano pelo acolhimento e boa convivência.

À Neci a quem posso chamar de mãe por cuidar da minha espiritualidade.

À Maiane, Camila e Ileana pelas vivências na cidade de Cachoeira.

À Eduardo Matheus por talentosamente ter elaborado ilustrações para o livro.

À minha grande amiga Elaine Gonçalves dos Santos pela revisão do texto.

À Lorena e Alisson que se tornaram amigos de toda hora e qualquer momento. Meus amores do recôncavo!

À FAPESB que foi providencial ao financiar a minha pesquisa com seu programa de bolsa Mestrado Profissional.

À todas e todos que estiveram comigo nessa caminhada, muito obrigada!

Axé!

RESUMO

Este relatório traz a descrição do processo de produção do livro paradidático “Um Quilombo Urbano Chamado Rua Nova”, que tem como público alvo alunos/as do 6º ao 9º - Anos Finais do ensino fundamental II. O livro foi elaborado a partir de uma investigação historiográfica de perspectiva local que versou sobre a formação do bairro de Rua Nova, região do Calumbi, localizado na cidade de Feira de Santana, com o recorte temporal de 1940 a 1985. O relatório destaca as referências teóricas da história, literatura, antropologia e geografia, utilizadas para orientar a escrita do livro, seguidamente descreve as escolhas e caminhos trilhados na pesquisa para se chegar ao produto final, o paradidático. Finalizando, o relatório traz a descrição da aplicação e resultados do método história oral e a elaboração do projeto gráfico para a diagramação.

Palavras-chave: Quilombo Urbano; Rua Nova; Feira de Santana; História Local.

RESUMÉ

Ce rapport fournit une description du processus de production livre paradidactic "A Quilombo Urbain appelé Rua Nova", dont le public cible étudiants du 6 au 9 - Années finales de l'école élémentaire II. Le livre a été élaboré à partir d'une recherche historiographique en perspective locale qui traite de la formation du quartier de New Street, région Calumbi, située dans la ville de Feira de Santana, avec le laps de temps de 1940 à 1985. Le rapport met en évidence les références théoriques de l'histoire, la littérature, l'anthropologie et la géographie, utilisé pour diriger l'écriture du livre décrit ensuite les choix et les chemins de recherche prises pour atteindre le produit final, le paradidactic. Enfin, le rapport fournit une description de la mise en œuvre et les résultats de la méthode de l'histoire orale et le développement de la conception graphique pour la mise en page.

Mots-clés: Quilombo Urbain; Rua Nova, Feira de Santana; Histoire Locale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO: DIRETRIZES PARA UMA PRODUÇÃO PADIDÁTICA	18
2 O LIVRO PARADIDÁTICO: “<i>Um Quilombo Chamando Rua Nova</i>”	20
2. 1 Caminhos	20
2. 2 Escolhas	25
3 PORQUE CARACTERIZAR A RUA NOVA COMO UM QUILOMBO URBANO ..	27
4 MÉTODOS	29
5 PROJETO GRÁFICO	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	36

INTRODUÇÃO

A roça não deu mais, a gente plantou, mas a lavoura que a gente esperava não produziu, aí eu me desgostei e vi aqui pra cidade trabalhar

(Tecla de Santana Araújo, 66 anos)

Filha de Jesuína Maria de Brito e Possidônio José de Santana, nascida aos vinte e três dias do mês de setembro de mil novecentos e quarenta e nove, Tecla de Santana Araújo, aos dezessete anos, migrou para Feira de Santana. O motivo do êxodo rural foi o fracasso de uma pequena lavoura de milho e feijão que ela e suas irmãs, Elenita e Lourdes, tinham plantado. Na teimosia araram a terra e plantaram as sementes, mas elas sabiam que a terra não estava mais tão produtiva como antes. A decepção foi certa, e como saída Tecla decidiu ir morar na cidade. A vida de lavradora não dava mais, eram tempos difíceis, tempos de seca. Se a roça não era mais o lugar das realizações, a cidade inspirava ser o lugar das oportunidades, e foi com essa reflexão que Tecla deixou a fazenda Boa Vista – região de Antônio Cardoso, com destino à Feira de Santana.

O ano era 1967, e na decorrência do regime militar, a cidade vivia as tensões das confabulações ditatoriais. Mas, mesmo assim, o carro do leite, o pau de arara e a estação ferroviária desembarcava todos os dias centenas de pessoas. E, nessa intensa movimentação cidadina, se iniciava a trajetória de uma jovem negra na cidade que respirava ares de capital do sertão. Tecla veio morar na casa da sua irmã Marina, no bairro da Rua Nova, naquele momento ela começava a construir sua trajetória, fazendo o caminho comum de mulheres e homens que migraram para a cidade. Para eles/as a rota era uma só, os subúrbios, e a Rua Nova foi um desses. De certo, era o lugar onde estavam seus parentes, amigos/as ou a possibilidade de alugar uma humilde casinha. A Rua Nova era um quilombo urbano¹ que surgia da urgente necessidade de se morar. Quanto mais crescia, mais se marginalizava, pois, era o único lugar que acolhia os pobres, os/as migrantes, os/as anônimos/as, sem nome de

¹ A caracterização do bairro como um quilombo urbano se deu a partir da percepção de como a Rua Nova se formou, os fatores que influenciaram os indivíduos migrarem em massa para o mesmo espaço, seus laços de solidariedade e sociabilidade; o processo de transformação da fazenda, propriedade particular, em bairro, destacando seu processo de aquisição do terrenos via aforamento e doação; e por ter se tornado um reduto de resistência e manutenção das manifestações da cultura negra que perpetuam até os dias atuais. Afirimo aqui que o termo quilombo urbano é uma denominação particular que desrespeita ao percurso da pesquisa, e não, por auto-definição, algo que não é pensado pela maioria dos moradores, pois, a noção de quilombo que é mais utilizada e conhecida popularmente se refere apenas às comunidades negras rurais que estão localizadas em lugares afastados. O que dificulta a percepção de quilombo no ambiente urbano.

família, sem heranças, apenas esperançosos/as em começar, recomeçar, tentar, reinventar, novas formas de viver e ganhar a vida.

Tecla teve a sorte de poucos/as, conseguiu se empregar de carteira assinada no Café Pinto, o famoso moinho da época. Nas idas e vindas do trabalho, via a cidade fervilhar, se transformar e espriaiar. Era muito difícil conseguir um emprego formal naquela época, mas fácil mesmo era se “virar” na informalidade dos pequenos afazeres e serviços. Sua vida também se transformou com seu namoro, noivado e casamento. Se tornou dona de casa, mãe de um menino canhoto. Para o ganho da vida, como mãe de família, se tornou costureira e nos poucos anos em que morou no bairro Queimadinha foi uma das fateiras de Dedê do bode. A vida era assim, o que dava, o que desse para ganhar um trocado. Voltou para Rua Nova com três meninos, e assim, como sua família o bairro tinha crescido, quase não se tinha mais terrenos baldios; o bairro da Rua Nova tinha desenhando sua imagem perante a cidade.

Essa é uma história real, a história de minha mãe biológica a qual me inspirou a escrever sobre o bairro da Rua Nova, lugar onde moro desde criança. Tenho esse compromisso de escrever sobre o bairro desde a minha graduação e essa inspiração teve continuidade no curso de mestrado. A história do surgimento da Rua Nova tinha que extrapolar o lugar das lembranças e se materializar em uma narrativa livresca, responsabilidade que tomei para mim, inspirada pelas contações de minha mãe. Aprendi com ela a ouvir e a contar, e sem dúvida a escrever, pois, o primeiro e majestoso exercício de transgressão dela, foi me pôr na escola; e mesmo sem saber ler me cobrava as atividades de casa. Se minha mãe transgrediu ao me ensinar em silêncio que eu podia lançar a rede e pescar bons peixes, eu transgriro nesse momento escrevendo sobre um objeto nada comum: “a história de surgimento de um quilombo urbano contada a partir das histórias de vida de seus moradores”. Eu não poderia fazer menos do que isso, já que minha mãe forjou em mim uma capacidade intelectual e me instrumentalizou com o direito a educação. Me colocando na escola, ela automaticamente me permitiu escolher o que de fato me faria ser o melhor para nós enquanto mulheres negras revestidas nessa malha social.

Sempre acreditei que “o mundo precisa ouvir nossa histórias e lê-las também”. Partindo dessa reflexão e instrumentalizada com o código da escrita, percebi que a história da Rua Nova, aquela que estava na memória de seus mais velhos, tinha quer ser eternizada em forma de texto, e assim, a fiz. Com a grandíssima contribuição dos moradores, obtive alguns relatos orais e embarquei na missão de transformar essa memória oral num livro. Uma ação afirmativa para preservação da história do lugar e dos próprios indivíduos que nele vivem e viveram. Nesse sentido, ao escrever o livro eu eternizei sentimentos, lembranças, alegrias,

realizações e lutas de homens e mulheres que (re)construíram suas vidas e construíram um território negro chamado Rua Nova. Contudo, o mais esperado dessa narrativa é a dimensão e o impacto das memórias descritas no consciente coletivo dos mais novos. O meu grande desejo é de que elas sejam um elemento de celebração da história dos moradores/as e do lugar.

Para conseguir concretizar a escrita do livro eu tive a delicadeza de ouvir cada história e rememorar muitos casos e lembranças. Assim, às memórias de minha mãe, D. Tecla, Seu Afonso, Nilton Rasta, Professora Lourdes, D. Nilda, Mané Preto, Gidan, Val, D. Clementina (*in memoriam*) e, de mais tantos outros, foram se transformando numa narrativa literária, se materializando como um registro de infinita memória, no movimento de reviver e lembrar. As entrevistas, para mim, textos literários, foram recriações de um tempo, e criação do agora. Cada entrevistado/a fez seu papel de criador e criadora de um mundo memorial entre imaginário e real, sendo essa criação e recriação, o movedouro da minha escrita. O livro não poderia ser mais do que uma transcrição das memórias lançadas no espaço-tempo, e recondicionadas nas subjetividades dos sujeitos/as entrevistados/as. Dessa forma, cumpri apenas o papel daquela que borda no desenho do tempo as histórias de vida, aqui transformadas em texto.

A história de vida da minha mãe, para mim, muito simbólica, foi meu referencial para buscar outras histórias de vida, e assim, poder narrar as trajetórias das populações negras numa perspectiva do sujeito/a e do coletivo. Tomei como partida o êxodo rural realizado por ela, suas irmãs, irmãos, pai e mãe. Percebendo nesse percurso que muitas pessoas por motivos diversos e adversos, também, transitaram entre o campo e a cidade, revelando histórias comuns com desdobramentos inúmeros.

A trajetória de minha mãe, uma jovem negra, descrita no começo desse texto, retrata a dinâmica social que se formou entre o campo e a cidade com intensidade durante alguns anos. Feira de Santana estava colocada como centro de toda movimentação populacional no sertão da Bahia e durante muitas décadas ela foi o reduto, o pouso de tantos sujeitos que regressaram de sua terra natal para a cidade. A história de vida de minha mãe, Tecla de Santana Araújo, é um exemplo de como a cidade expirava ser lugar da nova vida, das possibilidades e realizações.

O livro pode ser desenvolvido graças aos crescentes estudos sobre a história de Feira de Santana que decorreu nas últimas décadas os quais, projetaram produções de grande relevância para a historiografia local. Trabalhos acadêmicos e não acadêmicos que se debruçaram sobre a memória, cultura, religiosidade, economia e política da cidade. Mesmo

tendo alguns com recortes temporais anteriores ao abordado na produção do livro, que se passa entre as décadas de 1940 e 1980, todavia esses trabalhos foram de grande valia para entendimento dos processos civilizatórios, as relações de gênero, o fenômeno da urbanização, com sua particularidade demográfica, em específico a migração massiva de contingente negro da região do recôncavo, e de outras regiões do nordeste como Alagoas, Ceará e Pernambuco. Por conseguinte, os trabalhos me impulsionaram a imergi nos estudos sobre a trajetória das populações negras do sertão, litoral e recôncavo, de tal forma que o mesmo se tornou um dos caminhos de investigação para a produção do livro. Sobretudo, a leitura desses trabalhos permitiram que eu compreendesse como se construiu a imagem de Feira de Santana como a cidade referencial dentro do sertão da Bahia.

Para tal entendimento partir da produção de Rollie Poppino, pioneiro nos estudos sobre a história de Feira de Santana. Em seu trabalho ele aborda os aspectos sócio-antropológicos, econômicos e políticos da cidade entre 1860 a 1950. Seus escritos se constitui como um marco na historiografia da cidade². Isso se torna evidente a partir do número de trabalhos que o utilizam como fonte para sua realização. Para a produção do livro, recorri inúmeras vezes a este autor, pois, ele traz dados concisos para o meu recorte temporal, pela própria divisão e amplitude da obra; com ele consegui ler com mais profundidade e entender os trabalhos que os sucederam. As informações obtidas na obra do autor supracitado puderam ser identificadas no livro através das falas de muitos personagens e inclusive na própria narração, sempre dialogando e cruzando informações retiradas das entrevistas e dos demais trabalhos.

Seguindo na incursão da pesquisa utilizei Celeste Maria Pacheco de Andrade que em sua dissertação de mestrado traça uma discussão partindo do Brasil colonial para delimitar as origens de formação da região de Feira de Santana, pontuando a colonização e o adentramento do sertão baiano como o fator principal de surgimento da região que viria mais tarde se originar a cidade. A respectiva bibliografia foi recorrida para que eu compreendesse em qual momento da história do Brasil às terras de Feira de Santana começaram a ser citadas na história da Província da Bahia, também, para perceber as possíveis origens de surgimentos desse vasto território.³ Com isso, essa informação é descrita na narrativa pela personagem Belmiro um vaqueiro que, como de costume, sempre contava seus causos para os vaqueiros e

² POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador. Itapoã, 1968.

³ ANDRADE. Celeste Maria Pacheco de. **As origens do Povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1990.

boiadeiros que viam de outra região para comercializar o gado no famoso Campo do Gado de Feira de Santana.

Na perspectiva memorialista utilizei “Memórias de Feira de Santana” de Eurico Alvez Boaventura que narra a Feira de Santana das primeiras décadas de 1900, destacando a vida da elite feirense, a cidade e seu movimento, festas, manifestações e transformações.

Para a compreensão do desenvolvimento agropastoril, o grande potencial econômico da cidade e aspectos antropológicos, trabalhei com Aldo José Silva, pois, em sua dissertação de mestrado ele traz uma discussão acerca da vida urbana, suas condutas civilizatórias, e a vida comercial da cidade no início do século XX⁴.

Clovis Frederico Ramaiana Moraes de Oliveira foi utilizado para entender como se deu a construção e negação da identidade do povo feirense dentro dos ideais de modernidade e civilidade que invadiram a cidade na passagem do século XIX para o século XX. Esse recorte histórico pode ser encontrado no episódio do incidente com Tadeu, o “olhador de cavalo”, no nascimento do filho de Marlene e, na dinâmica de Lola no seu cotidiano tratando vísceras de animal no mercado do fato.⁵

Com recorte geográfico e econômico, me ative a Nacelice Barbosa Freitas que discorre sobre o desenvolvimento territorial a partir da modernização e industrialização do sertão, trazendo Feira de Santana como ponto de discussão acerca do desenvolvimento ocorrido após a instalação do Centro Industrial Subaé, suas implicações na economia e no espaço urbano da cidade.⁶

Sobre recorte de gênero trabalhei Reginildes Rodrigues Santa Bárbara, nesse sentido, a autora faz o percurso da história social com abordagem temporal de 1929-1964, construindo uma narrativa histórica sobre as lavadeiras do Tanque da Nação e suas estratégias de sobrevivência, através das redes de sociabilidades estabelecidas para garantirem autonomia no trabalho de forma que pudessem também cuidar de seus filhos.⁷ Outro trabalho que muito influenciou na construção das personagens femininas foi o de Karine Damasceno que retrata o cotidiano de mulheres negras nos entraves com o judiciário; a vida de trabalho e a

⁴ SILVA, Aldo José. **Natureza Sã, Civilidade e Comércio na Cidade de Feira de Santana: Elementos para o Estudo da Construção de Identidade Social no Interior da Bahia (1833-1927)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

⁵ OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moares. **De empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1819-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

⁶ FREITAS, Nacelice Barbosa. **Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização (1970-1993)**. Dissertação – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), 1997.

⁷ SANTA BÁRBARA, Reginildes Rodrigues. **O Caminho da Autonomia na Conquista da Dignidade: Sociabilidades e Conflitos entre Lavadeira em Feira de Santana - Bahia (1929-1964)**. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

sobrevivência, salientando as relações de gênero estabelecidas na Feira de Santana no pós-abolição.⁸

Deise Karla Santana Pinho contribuiu de forma mais direta para a produção do livro, devido a sua abordagem que especificamente traça o perfil do bairro de Rua Nova entre de 1970 e 1980, período em que a comunidade ainda não era assistida por saneamento básico, assistência médica e água encanada, por conta do esquecimento devotado pelo governo municipal a um bairro que era considerado a chaga social da cidade.⁹

A respeito dos aspectos culturais do bairro, em específico o movimento reggae, foi utilizado a dissertação de Fabrício Mota, publicada em 2012 pela série Sons da Bahia. Um trabalho pioneiro no meio acadêmico sobre o movimento reggae em Feira de Santana que traz um estudo rico e instigante sobre a música negra e o surgimento de entidades culturais entre as décadas de 80 e 90, destacando as interlocuções entre a luta antirracista e o fortalecimento da cultura negra. Outro trabalho o qual contribuiu em larga escala para a produção do livro foi a tese de Josivaldo Pires de Oliveira a qual foi defendida em 2010. Sua tese contribuiu para a reflexão acerca da presença das religiões de matriz africana e os desdobramentos de suas práticas no cotidiano da cidade de Feira de Santana, destacando a ferrenha repressão policial, e como esses agentes mágicos religiosos, pais e mães de santo, e seus filhos e filhas de santo, mantinham suas relações sociais no espaço citadino.¹⁰ Ao abordar os tempos de repressão aos candomblés, a tese me permitiu visualizar uma estreita relação do povo de santo da Rua Nova com os festejos da cidade, em específico a festa de Nossa Senhora Santana.

Para pensar epistemologicamente sobre a forja da religiosidade afrodescendente e sua cosmovisão, como prisma que delinea o universo simbólico da cultura negra e, em particular o candomblé e seus desdobramentos no cotidiano da população negra, me amparei na tese de doutoramento de Emanuel Luís Roque Soares na qual ele investiga o orixá Exu como um princípio epistemológico para compreensão do universo diaspórico no território brasileiro, salientado as relação com corpo, ancestralidade, cosmogonia, cosmologia. Para tanto, com o

⁸ DAMASCENO, Karine Teixeira. **Mal ou bem procedidas: o cotidiano de transgressões das regras sociais jurídicas em Feira de Santana (1890-1920)**. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2011.

⁹ PINHO, Deise Karla Santana. **ÊTA RUA NOVA DOS DIABOS! Representações sobre um bairro pobre na cidade de Feira de Santana. (1970 a 1980)**. UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana (Monografia – História), Feira de Santana, Bahia, 2010.

¹⁰ OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“Adeptos da mandinga”: candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970)**. Tese de Doutorado – UFBA - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2010.

devir orientado numa perspectiva afrocêntrica¹¹. Sobretudo, escolha se seguiu pertinente porque o respectivo estudo me propiciou pensar a formulação da Rua Nova como território negro, como um quilombo urbano fundamentado a partir das experiências de negros/as com sua ancestralidade. Aspecto que se sobressai na narrativa com as histórias de vida dos Pais de Santo Afonso, Licinho e da Mãe de Santo Nilda – Jayodê, entre outros entrevistados que viveram experiências religiosas nas casas de candomblé do bairro.

Para pensar quilombos recorri primeiramente ao estudo realizado por Rosy de Oliveira em sua tese de doutoramento “*O Barulho da Terra: nem Kalunga nem Camponeses*” a qual versa sobre os Kalungas do Mimoso e a questão do direito à terra. Um trabalho minucioso e com um nível de criticidade e investigação profundamente enriquecedores. Foi a partir dessa pesquisa que me aprofundei na discussão sobre território negro e as percepções internas, dos que vivem, e externa dos que visualizam o território e constroem suas noções embasadas nos seus argumentos científicos.

Trilhei um caminho entre a antropologia a geografia e a história. Com respeito da geografia, me amparei em Rogério Haebaert, realizando a leitura de sua obra, “*Territórios Alternativos*” na qual ele tece uma discussão acerca da alternatividade desenvolvida na construção dos territórios físicos como ideológicos, dois aspectos vitais para pensar a formação do bairro, e inclusive pensá-lo como quilombo urbano.

Pelo caminho da história acessei a obra de Flávio dos Santos Gomes “*Mocambos e mapas nas minas: novas fontes para a história social dos quilombos no Brasil: Minas Gerais — séc. XVIII.*” para entender como os estudos sobre quilombos promoveu uma variação e amplitude do termo ao longo do tempo. Dessa forma pode compreender como se constituía os quilombos históricos para construir a noção de quilombo urbano.

O livro foi pensado para que se tornasse possível ler a história de formação de um quilombo urbano formado em tempos de efervescente crescimento de Feira de Santana, e dos ideais de modernidade os quais conspiravam um projeto de cidade projetada para o futuro. Um projeto de cidade para alguns, os de posses, os letrados e financeiramente bem sucedidos.

A Feira de Santana que o livro conta, é da gente comum, dos que não tinham nem se quer o direito a educação, é uma história sem narrativa da história política do com seus intendentes e prefeitos, mas sim da história política protagonizada por uma mulher, Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, mais conhecida como D. Pomba, a qual pensou um o projeto de moradia que assistisse a população negra e pobre da cidade. A primazia dessa produção é

¹¹ SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação**. Tese de Doutorado - UFC – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Ceará, 2008.

contar a formação, como o povo da Rua Nova mesmo fala, do “gueto”, do celeiro cultural da cidade de Feira de Santana.

Eu como escritora parto da análise subjetiva das ações as quais motivaram tantos indivíduos a se aglomerarem nos subúrbios e passarem por situações de calamidade, mas, também, destaco o contrapelo da tragédia do descaso, trazendo as estratégias, ações e planos que o povo negro, em trânsito, em diáspora, traçou para reelaborar as formas de construir um novo espaço de vivenciamento e experiências. Contudo, a fazenda de D. Pomba foi esse espaço de recriação e reelaboração da vida a partir de um lugar que se tornou pertencente pela forja do ser na intra-interrelação de si e do outro, assim, formando um quilombo urbano.

O livro é o resultado da necessidade criada em mim, condicionada pelas minhas vivências como moradora, em diálogo com as memórias de mais velhos e mais novos que vivem o bairro e convivem uns com os outros. Sendo assim, as nossas interlocuções, singularidades e pluralidade escreveram uma possível história de formação do bairro Rua Nova.

Destaco por reconhecimento e gratidão que este trabalho de minha autoria, só pode ser realizado graças à iniciativa de pesquisadores que articulados no grupo de Pesquisa NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros), implantaram um curso *lato sensu* – especialização em Cultura africana e Afro-brasileira, a qual formou mais de cem especialistas no ano de 2014, por conseguinte, esses pesquisadores conseguiram a aprovação de um curso em *stricto sensu* – Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, que propõe contemplar os estudos que priorizam em abordar as epistemologias emergentes as quais tem sido amplamente exploradas nas execuções de pesquisas que só podem ser realizadas com abertura de programas que primam pelos estudos das populações subalternizadas nos processos de formação da sociedade brasileira. O PPGMPH (Programa de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígena), visa pensar outros caminhos de investigação e produção da cientificidade que esteve orientada na perspectiva eurocêntrica submetendo às ciências humanas a um regime epistemológico durante todos esses anos de implantação do ensino superior no Brasil.

Mesmo surgindo na periferia dos ditos centros de pesquisa, a Bahia, em específico Cachoeira, o Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, tem buscado agregar pesquisas com temas marginais o quais centram nos estudos africanos e seus desdobramentos no território brasileiro, sendo em sentido específico, a diáspora como foco da investigação acadêmica. Também dos estudos indígenas o qual as pesquisas devem muito, mesmo com pesquisadores especialistas nessa área, ainda, a respeito do lugar onde

falamos, Bahia, os estudos indígenas tem muito a crescer, pois, não possuem suficiência que possam trazê-lo como uma temática visivelmente explorada, assim, como tantas outras temáticas que na Bahia ocupam a maioria dos bancos de dissertações e teses.

O grande diferencial desse mestrado está por toda a sua estrutura, inclusive pelas linhas de pesquisa: **Ensino de História, Educação Inter-Etnica e Movimentos Sociais e História da África, da Diáspora e dos Índios nas Américas**, que privilegiam os estudos já desenvolvidos pelo corpo docente, além do compromisso com efetivação da lei 11.645/2008.

1 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO: diretrizes para uma produção paradigmática.

As discussões atuais no cenário educacional evidenciam a urgência da reformulação do “fazer escolar” dentro de novas possibilidades, nas quais, se quebrem os elos paradigmáticos que durante séculos orientou pragmaticamente a escola brasileira. O alcance dessa transformação, é tido com o objetivo principal dos educadores que visam utilizar a escola como próton-mecanismo para combater, afim de, dirimir as problemáticas oriundas da exclusão e a discriminação. A escola é o espaço onde a discriminação se torna ainda mais flagrante, nela está concentrado aspectos sociais que mal estabelecidos revelam conflitos nas relações entre os indivíduos, pois nela se dá cotidianamente a eferescente reprodução do racismo, começando pelas relações entre os indivíduos que compõem o corpo escolar e indo até aos conteúdos que são trabalhados na sala de aula.

Essa análise a princípio pode parecer tensa, polêmica e desgastante, mas focando nas escolas-bairro – esses domicílios educacionais que estão situadas nos bairros pobres, essa análise toma fôlego e quase que se transporta do papel como imagem aos olhos de quem conhece a dinâmica de uma escola pública. Ela majoritariamente tem corpo discente composta por afrodescendentes e pobres, que em sua maioria tem na escola os primeiros momentos de socialização e acesso à educação formal a partir do conhecimento escolar. Voltando a tensão, ao desgaste e a polêmica, será que a escola pública consegue dar conta das especificidades desses alunos da forma e no molde que ela se configura? Será que essa univocidade pretensiosa que dão ao conhecimento escolar contempla a diferença que constitui uma classe de uma escola-bairro no subúrbio? Essas indagações tiram o desgaste e a tensão da discussão, mas inclui a reflexiva e polêmica lógica do ensinar na nossa sociedade que ainda não se auto-reconhece racista e logo não cuida de romper com âmago da discriminação por torná-la imagética.

O desconforto que embasa essa reflexão, é a ideia de que a escola não educa para emancipar, para promover a autonomia do aluno, nem tão menos fortalecer sua relação com o seu lugar, de que a escola é preconceituosa quando ela não dialoga com a comunidade, é racista quando negligencia sua atuação acerca das resoluções dos conflitos no ambiente escolar deixando de tencionar discussões sobre discriminação e não denunciando o racismo.

Diante dessa reflexão, percebi que seria coerente produzir um material paradidático que auxiliasse a prática pedagógica apontando novos caminhos para o ensino dentro das escolas públicas localizadas no subúrbio, para que esse material em consonância a outros, capacitasse o/a educando/a a pensar a história a partir do seu lugar e ser ver como parte do processo histórico, clivando, alinhavando e cingindo cotidiano e a escola, dessa forma, dialogicamente construindo o processo educacional, no qual “ser e fazer” seja de fato uma ação concreta para uma educação mais sensível e coerente às necessidades sócio-intelecto dos/as educandos/as afrodescendentes das escolas públicas.

Trazer o bairro como temática para sala de aula é fazer o/a educando/a perceber que o lugar que ele vive tem e tece história, que sua cultura local não é menor, nem menos interessante que a de outros bairros, ela simplesmente possui o valor da suficiência da importância que se deve ter para manter vivos os traços que definem as idiossincrasias, e fazem do lugar um espaço importante de percepção do ser no micro-mundo que se constitui de partículas reais, imaginárias e simbólicas. Como complemento desse pensamento, BOUDIN (2001, p. 36) reflete sobre a questão local da seguinte forma: “o local coloca em forma o mundo da vida diária, sendo ele próprio fundador da relação com o mundo do indivíduo, mas igualmente da relação com o outro, da construção comum do sentido que se faz o vínculo social.”

Tendo isso como fio condutor para dar soerguimento à proposta do respectivo trabalho, o PCN’S apontam caminhos de alternância para alicerçar mecanismo didático/pedagógicos, logo, todo material, que no acesso ao conhecimento tem a função de ser mediador na comunicação entre o professor/a e o educando/a, pode ser considerado material didático. Isto é, são materiais didáticos tanto os elaborados especificamente para o trabalho de sala de aula livros-manuais, apostilas e vídeos —, como, também, os não produzidos para esse fim, mas que são utilizados pelo professor para criar situações de ensino. Diante dessa assertiva compreende-se que a produção de um material paradidático com essa especificidade, prever estimular à valorização das memórias dos afrodescendentes e do pertencimento a um espaço socialmente marginalizado, mas que agrega valores simbólicos para quem vive e

convive seu cotidiano, dialogando com as demandas educacionais previstas pela Lei 10.639/03, além de, re-configurar o “*fazer escolar*”.

2 O LIVRO PARADIDÁTICO: “*Um Quilombo Urbano Chamando Rua Nova*”

2.1 Caminhos...

O percurso dos caminhos trilhados para a produção do material paradidático se iniciou com rememoração da minha experiência enquanto estudante da Escola Estadual Ernestina Carneiro, fundada em 1966, localizado no interior bairro Rua Nova, na Rua Coelho Neto. Lá estudei da 3ª a 8ª série, dos seis anos que estive como estudante, não trago nenhuma memória de qualquer atividade referente a formação do bairro, seja em sala de aula ou atividade multi-seriadas como gincanas. Na verdade nem mesmo o corpo docente que por sinal ninguém morava no bairro, sabia ou se interessava em discutir sobre a história local.

Me lembro de uma fotografia da senhora Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida que ficava na secretaria da escola, “era a foto da mulher que um dia foi dona de todo aquele território, hoje Rua Nova”, e que por gentileza tinha doado aquela faixa de terra para a construção da Escola. Daí em diante, a história tinha um ponto final, mas para mim cabia ali uma reticência. Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, representava mais que isso.

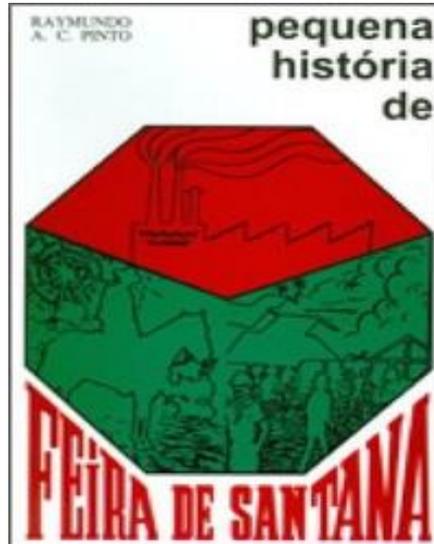
A Rua Nova ganhou a boa fama do território cultural com seus sambas, arrastões e o movimento do reggae, e Ernestina na memória do povo se tornava uma vaga lembrança.

A reflexão acerca da ausência de uma história escrita, ou até mesmo contada oralmente, no espaço escolar, funcionou como ação motivadora e me fez perceber a importância de historiar o surgimento do bairro. A história ‘precisava ser contada porque a partir dela seria possível entender, e buscar conhecer outras histórias. Para mim seria um possível caminho para que os/as educandos/as se enxergassem como sujeitos históricos.

Outro estímulo para a produção do livro foi a notória escassez de materiais paradidáticos direcionado a temática local, principalmente quando se trata das escolas públicas da cidade de Feira de Santana.

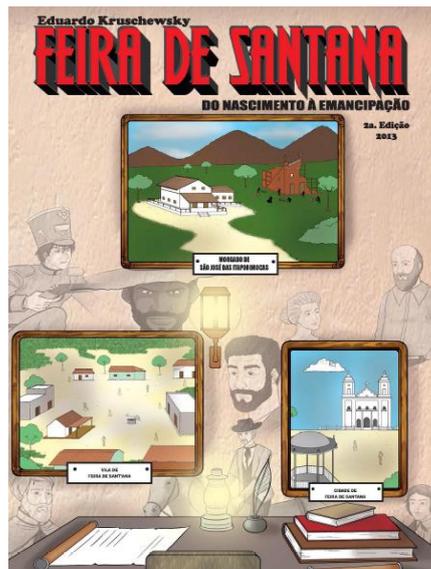
Na pesquisa para a produção do livro paradidático “**Um Quilombo Urbano Chamado Rua Nova**”, encontrei apenas duas produções que podem ser consideradas paradidáticas, a primeira foi “**Pequena História de Feira de Santana**”, do historiador Raymundo A. C. Pinto, reedição em 2011 pela Fundação Senhor dos Passos”. A pequena história de Feira de Santana é contada através de um diálogo entre o professor e um adolescente negro que se

interessa em saber sobre a história da cidade e vai à procura do professor. O mesmo divide a narrativas em três momentos históricos: Colônia, República e dia atuais. A narrativa do livro é focada na memória política da cidade com destaque para os intendententes, coronéis, Comandantes e prefeitos.



PINTO, Raymundo Antônio. Carneiro. **Pequena História de Feira de Santana.** – Feira de Santana, 2ª edição – Fundação Senhor do Passos, 2011.

A segunda produção foi: “**Feira de Santana: do nascimento à emancipação**”, de Eduardo Kruschewsky com edição financiada pela Fundação Cultural Egberto Costa:



KRUSCHEWSKY, Eduardo. **Feira de Santana: do nascimento à emancipação.** 2ª edição. 2013.

O respectivo livro, a partir de uma ilustração de modelo “HQ” (História em quadrinhos), narra a história de surgimento da cidade de Feira de Santana, partindo da história de descobrimento do Brasil, passando pela povoamento das terras a mando da Coroa Portuguesa, a divisão das terras do sertão entre a Casa da Torre e Casa da Ponte, a construção do Morgado de São José das Itapororocas, chegando a Fazenda de Santana dos Olhos D’Água pertencente ao casal Ana Brandoa e Domingos Barbosa, propriedade que segunda a história dar origem a cidade de Feira de Santana.

Apesar desses dois livros retratarem a história de surgimento de Feira de Santana, uma abordagem a história local, enfatizam apenas a memória política, a formação da elite agrária e comerciária da cidade. A população negra expressivamente presente no processo de formação da cidade não é privilegiada e nem possui protagonismo nas narrativas. Com essa preocupação o paradidático “**Um Quilombo Urbano Chamado Rua Nova**” se tornou um material que traz a possibilidade de registrar a trajetória da população negra que com a força do trabalho construiu a cidade de Feira de Santana.

A presença negra na história da cidade de Feira de Santana é algo marcante e inegável. Negros/as e índios habitavam essas terras desde antes da chegada dos colonos os quais tinham poder de habitar e explorar assegurados pelas suas cartas de doação de terras concedida pela Coroa Portuguesa. Poppino (1968) registra em seu livro *Feira de Santana*, que antes dos colonos, destacando Peixoto Viegas, chegarem nas terras das Itapororocas, existiam índios aldeados, e negros aquilombados, diante disso, busquei entender a conjuntura de formação da sociedade feirense que por determinado tempo através da miscigenação, dissolveu a população indígena deixando apenas traços em seus caboclos. Optei por produzir uma narrativa que retratasse a vida de negros/as que tragam consigo a memória da escravidão²⁴ vivida pelos seus antepassados. A história dos/as migrantes, dos sujeitos comuns que construíram a cidade real, de becos e subúrbios, que teceram laços e sociabilidades e estratégias de sobrevivência.

A escrita do paradidático sobre a história de formação do bairro da Rua Nova, foi pensada para preencher a lacuna deixada pela ausência de matérias didáticos e paradidáticos que primassem por registrar histórias da população pobre, aglomeradas nos subúrbios da cidade e que infelizmente não tem acesso à historicidade do seu lugar. Com isso, busquei produzir um livro paradidático que privilegiasse outras histórias, outros sujeitos, outros

²⁴ Sobre escravidão em Feira de Santana. Ver: LIMA, Zenilda Jesus de. **Lucas Evangelista: o Lucas da Feira estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana 1807-1849**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1990.

lugares que não o centro da cidade, construindo uma narrativa de outro ponto vista, com outras vozes, as quais foram silenciadas em todo processo de civilidade e modernidade de Feira de Santana.

O paradigmático sobre a história de formação da Rua Nova pode ser considerado o pioneiro entre os trabalhos produzidos dentro deste modelo de livro paradigmático em Feira de Santana, principalmente por retratar em específico a história de um bairro e sua relação intrínseca com o crescimento urbano e desenvolvimento social da cidade. O respectivo livro foi pensado para que se tornasse possível registrar as memórias dos moradores a respeito da formação do bairro, seu desenvolvimento sócio-antropológico, seus aspectos peculiares, suas idiossincrasias.

“Um Quilombo Urbano Chamado Rua Nova” teve por objetivo retratar a história de formação do bairro de Rua Nova a partir de uma narrativa literária com personagem e narrador. A forma escolhida para narrar a história do bairro de Rua Nova, dialoga com os pressupostos trazidos por Walter Benjamin no qual ele destaca:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. O ato de narra, contar uma história é como o labor de um artesão. O grande narrador tem sempre suas raízes no povo. (BENJAMIM, 1994, p. 9)

Ele precisa ser um sensível telespectador da vida e das experiências cotidianas do outro, para trazer as narrativas de história de vidas de sujeitos comuns. E baseada nessas reflexões, muitas entrevistas foram realizadas, algumas pessoas narravam sua história de vida enquanto faziam algum tipo trabalho manual. Tive duas experiências interessantes: a primeira foi de Seu Afonso que ao contar sobre sua chegada no bairro, estava confeccionado um “Xaxará”²⁵, ao mesmo tempo que trançava a “palha da costa” ele tecia sua narrativa. A segunda de D. Tecla, minha mãe, que ao lembrar de suas primeiras vivências no bairro ela alinhavava um tecido, era possível perceber a compenetração tanto no alinhavar quanto no narrar.

O Elemento principal de construção dessa narrativa foi memória dos moradores retomada nas entrevistas – momento de rememoração das vivências e testemunhos dos acontecimentos que levaram a fazenda de Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida a se

²⁵ Paramenta utilizada pelo orixá Omolú ou Obaluê nas danças em ritos litúrgicos. (**grifo meu**)

transformar um dos bairros mais populosos de Feira de Santana com um expressivo contingente negro.

Permeia no inconsciente coletivo dos moradores de 40 anos acima, o mito de origem de formação do bairro, cujo seu surgimento se dá a partir de doações gradativas da terra para às pessoas pobres que chegavam a Feira de Santana e não tinha moradia. Essas pessoas iam procurar Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, mas conhecida como D. Pomba, sempre caridosa e de bom coração, doava pedaços de sua terra aos pobres. Essa é a narrativa que circula na memória coletiva. Mas se tratando de transformar a história de formação do bairro em um livro paradidático – o qual tem a função de complementar no processo didático-pedagógico nas salas de aula de educandos do ensino fundamental II, se fez necessário investigar e trazer outros elementos para compor a história.

O livro traz uma responsabilidade com a história de vida das pessoas, suas trajetórias, com a história do lugar e pelo fazer histórico, por tanto, a elaboração desse material foi pautada no compromisso com a formação dos que irão lê-lo, através dos conceitos e termos utilizados.

O que impulsionou a construção desse paradidático foi a possibilidade de através dele trazer sujeitos e suas histórias para o processo educativo como estratégia de avivamento da escola e reconhecimento das potencialidades da população afrodescendente. Trabalhar o bairro em seus diversos aspectos é levar o educando a ter autoestima e se perceber como parte da comunidade e como sujeito que participa e contribui para a organização e desenvolvimento do lugar onde vive. A escola tem potencial para estimular a valorização da identidade comunitária, com tanto que ela seja mais humanizada, para isso, é preciso incorporar os estreitos vínculos entre as condições em que os educandos reproduzem sua existência e seus aprendizados humanos. (ARROYO, 2003)

A pretensão é de que esse paradidático seja utilizado nas escolas públicas do bairro de Rua Nova em atividades que envolvam a história local, patrimonial, cultural do bairro, e também, em outras escolas das redes municipais e estaduais de ensino de Feira de Santana, porque de certo retratar a história de um bairro é contar também a história da cidade. O livro paradidático **“Um Quilombo Urbano Chamado Rua Nova”** tem o apoio do guia do professor embasado nas prerrogativas do PCN’S, contemplando os eixos temáticos do 6º ao 9º anos. Os textos e proposições de atividades do guia do professor trazem como referência o cotidiano dos educandos como moradores e também produtores da cultura e do fazer histórico do seu lugar de moradia. Sobretudo porque o local se sobressai, pois ele é um lugar privilegiado de manifestações que admitem que, as estruturas antropológicas, ou seja, a forma

como os indivíduos se organizam, criam um conjunto de representações e de códigos que são transmitidos pelas práticas, como os mitos se exprimem nos ritos, e as mentalidades são fixadas. (BOURDIN, 2001, p. 43)

“Os indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2012, p.39). Logo se faz importante frisar que o bairro Rua Nova apresenta uma dinâmica cultural entremeada por manifestações que preservam a cultura negra e todo seu universo simbólico.²⁶ O que infelizmente não é valorizado, e, nem tão menos retratada no ensino-aprendizagem das escolas públicas do bairro.

Diante da urgência que se tece da re-elaboração e formatação dos espaços escolares e do currículo posto, cabe a esse trabalho tecer um diálogo com as proposições da Lei 11.645/08 de forma que, inaugure novas metodologias, novas formas de educar o indivíduo fazendo-o enxergar seu lugar como também um ambiente de conhecimento, de ciência, de investigação, no qual ele se veja como agente do processo educativo e visualize a mútua relação entre cotidiano e escola, sendo ele a ponte de ligação a partir do “trazer” de suas vivências e experiências para a sala de aula.

2.2 Escolhas...

A partir dos indícios encontrados após a leitura que realizei na certidão de aforamento²⁷ do Senhor Armado Guerra Lobo, registrado no ano de 1967, assinada pela senhora Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida, tendo como testemunho o senhor Emiliano Bispo. Algumas questões que permaneceram na pesquisa durante todo esse período, foram substituídas por outras peças, e deixaram de ser comprovações cabíveis para argumentar as possíveis razões que corroboraram para a formação do bairro, logo o mosaico histórico, o surgimento da Rua Nova.

Seguido as narrativas emergidas da memória coletiva, descritas nas entrevistas, pode compreender, que, o que se narra é um mito de origem, a estória/história que se cristalizou durante esse 70 anos de existência do bairro. Mas toda via, cabe a quem ouve, nesse caso, eu a pesquisadora, aparar toda essa informação em uma balança reflexiva, com dois pesos (duas versões para formação do bairro) e uma medida (uma comprovação de uma versão a partir dos

²⁶ Trata das manifestações culturais que tem suas raízes nas religiões de matriz africana: os blocos afros, escolas de samba (nascida dentro de um terreiro), arrastões, sambões, afoxés e grupos de reggae.

²⁷ Ver Anexo

relatos orais), eu fui em busca de outra medida (outra versão que também comprove como o bairro surgiu). Dessa forma, acabei por perceber que existem duas histórias, a que deve ser contada, a daquele do mito de origem, e a que de fato levou Ernestina Carneiro aforar e doar seu domínio.

Como trilho dois caminhos, o da escrita do paradidático, e relatório de produção. Optei por narrar as duas possíveis histórias, mas separando-as. Para o público estudantil para o qual também se destina o livro, mas não somente eles, escrevi uma história baseada nas trajetórias de vidas dos moradores e sua empreitada na construção do território, seu lugar. Fiz isso, porque tenho a história oral como autêntica, nada mais justo do que trazer para eles a versão pela qual eles envelheceram, nasceram e cresceram guardando na memória a história de D. Pomba. Não existe versão a ser desconstruída, porque a história de surgimento do bairro não é uma suposição, é de fato, experiências diretas de negociação “aforamento” e de doação dos moradores com D. Pomba.

A outra versão que cito acima, é o que levou Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida a repartir suas terras. Na verdade, quero trazer aqui o fato que antecede os aforamentos e doações, porque a história contada na perspectiva do morador pertence ao lado da execução de um plano elaborado por D. Pomba.

O que antecede a divisão das terras, é o fato que optei por descrever neste relatório. Essa foi uma questão que me inquietava, fui buscar nas entrevistas, mas não encontrei. Ocorreram em algumas falas a especulação sobre o estado civil de D. Pomba. Uns afirma que ela foi concubina de Zé Caixeiro, e por ser amante do mesmo, ganhou a fazenda como um presente. Essa afirmação se dissolve após a leitura da certidão de aforamento do Senhor Armando Lobo, na qual Ernestina Ferreira de Almeida aparece como “proprietária”, “viúva”. O termo viúva que aparece na certidão evidencia que de fato Ernestina Carneiro Ferreira de Almeida teve um vínculo matrimonial.

Sobre a posse da fazenda foi declarado em entrevista pelo senhor Edvaldo que a mesma foi obtida pela divisão de bens, consequência do divórcio. Muitas especulações sobre a vida de Ernestina, inclusive a de que não poderia ter filhos, já que a própria história revela que ela não teve filhos biológicos e conseqüentemente não teria herdeiros. Mesmo criando algumas crianças ela não tinha registrado nenhuma delas como filha, logo, juridicamente, nenhuma das suas filhas de criação herdaram as terras da Fazenda São Gonçalo.

Suponho que essa tenha sido uma das razões de aforar e doar as terras, somada ao terreno não cultivável que por possuir muito lajedo se tornava inviável cultivar qualquer tipo monocultura.

3 PORQUE CARACTERIZAR A RUA NOVA COMO UM QUILOMBO URBANO

Diferente da conjuntura de formação dos quilombos no período colonial, a qual se dava através de fugas, essa ação de evasão do negro escravo podia ser compreendida como resistência e negação ao regime escravista. Sem dúvidas ao formar quilombos na contra ordem os negros escravos podia constituir seu sistema social de acordo com sua concepção de sociedade, que em nada se assemelhava a vigente.

O quilombo urbano funciona como um bolsão que garante a mão de obra de empreitada e sub-empreitada arraigada na informalidade que garante a permanência do pagamento de baixos salários por conta da desqualificação dessa mão de obra³³. Para além dessa reflexão dentro da perspectiva econômica, fica subentendido que esse território é um movimento expulsório de fora para dentro, uma força exercida pelo preconceito racial de “guetificação” da população negra alocada em um lugar cujo se assegura sua não disseminação no território citadino, em específico o centro da cidade e bairros ditos classe média. Uma situação se dá pela heterogeneidade racial que se congrega no quilombos urbanos, que se confere na ordem des-territorializante, o indivíduo passar a habitar determinado lugar por não tem outras opções habitacionais. Logo se confere ao quilombo o urbano o lugar, o território de segregação espacial e econômica. Por outro lado muitos outros indivíduos acabam por permanecer nesses espaços por identificação consolidada em laços afetivos, trajetórias de vida que se assemelham e pelo dinâmica cultural do lugar.

Se o quilombo do passado emergia sua essência autônoma de formação e desenvolvimento, os quilombos urbanos são totalmente manipulados por forças externas, as forças políticas e relações sociais hierarquizadas. A perda da autonomia e o apinhamento³⁴.

“quilombos urbanos” contemporâneos se configuram como grupos sociais de resistência a um sistema de exclusão, comunidades de ascendência marcadamente negra – mas não exclusivamente –, no geral empobrecidas, com ethos e costumes diferenciados dos grupos que lhes circundam. Um confinamento espacial é proporcionado pela marginalização por parte das políticas públicas. A ausência de políticas específicas para um contingente dotado dessa peculiaridade histórica e a precariedade das políticas universalistas conformaram os “quilombos urbanos” como espaços socialmente distantes. (OLIVEIRA e D’ABADIA, 2015, p. 269)

³³ Sobre quilombos urbanos ver: CARRIL, Lourdes. **Territorialidades Quilombolas: quilombo, favela e periferia. Capítulo V. In: Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca por cidadania.** São Paulo: Ed. Annablume – FAPESP, 2006.

³⁴ Sobre apinhamento. Ver: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** – Londrina : Eduel, 2013

A Rua Nova se configura como esse lugar de exclusão, marginalização, mas também de resistência e preservação das manifestações culturais da cultura negra. Nas primeiras década do pós-abolição a Fazenda São Gonçalo estava localizada numa área considerada rural por possuir algumas fazendas próximas umas das outras. A malha urbana começou a se expandir, aproximando o subúrbio do centro. Mas partir de década de 70 com a construção do Centro de Abastecimento e aumento do perímetro do centro da cidade, os bairros que surgiram nesses arredores foram inseridos da zona central da cidade, logo a Rua Nova se reconfigurou passando a fazer parte do centro, nesse caso não foram os subúrbios que avançaram foi o centro da cidade que sofreu uma reestruturação perimetral.

O subúrbio permaneceu em seus os aspectos simbólicos como marcador do território, o que permitiu que o bairro não fosse então caracterizado como centro. Por mais que geograficamente o bairro passasse a ser parte da zona central da cidade, suas características sócio-antropológicas permaneciam as mesmas. A concepção orientada para caracterizar a Rua Nova como um quilombo urbano se restringe aos caminhos desbravados na pesquisa, logo, essa leitura, na qual argumento que o bairro é um quilombo urbano é uma ação exercida de fora para dentro, é minha perspectiva na qual realizei uma leitura a partir dos pontos de concatenação do quais atribuir as razões de acordo com a formatação e conjuntura de formação do território. Não me baseio na argumentativa de auto-definição dos moradores, não existe essa possibilidade.

Pensar o bairro como quilombo urbano não está na escala empírica, mas sim, nas minúcias e desdobramentos recorrente do passar existir do bairro em uma propriedade que envolve enigmas, disputas e doação voluntária sem comprovação cartorial. Mas o grande condicionante para legitimar a afirmativa da Rua Nova como quilombo urbano são as décadas que se deu a transformação da fazenda em comunidade, sendo que a massa populacional foi expressivamente negra, mas não somente negra, delineando a heterogeneidade, um marcador aspectual dos quilombos urbanos.

Se no quilombo histórico sua composição se dava a partir da autonomia dos negros que em contrapelo ao sistemas escravista se aquilombavam e construía seu próprio sistema social, nos quilombos urbanos o movimento de reclusão e aquilombamento é realizado pela segregação espacial imposta pelo jogo político de higienização territorial, a qual por conseguinte criava os bolsões de mão de obra pronta para acumulação do capital.

Qual fator liga os quilombos de ontem e de hoje? Seriam a cosmovisão afrodescendente que permite um pensamento congruente entre os tempos sobre território? O simbólico, afetivo, os laços familiares, a coletividade exercitada para sub-existir diante das

mazelas? Sem dúvidas a ligação entre o quilombo de ontem e o de hoje é e sempre foi a capacidade psicossocial, e histórica de res-significar as experiências dolorosas proporcionadas pela discriminação de raça e condição social.

4 MÉTODO

No começo da pesquisa eu não compreendia a importância de se discutir método, talvez a pouca leitura sobre a temática não me possibilitava perceber que o ponto chave de toda pesquisa é seu eixo metodológico, nele está a estrutura, a feita, o fator condicionante que dar sentido e finalidade as fontes escolhidas para o objeto pesquisado. Sem o método o objeto está estático, ineficiente, e superficial. Todo objeto possuía sua semântica, mas é com o método que se tem a possibilidade de trazer um sentido, que se quer conferir ao objeto pesquisado.

O método fornece ao historiador meios de controle e verificação, possibilitando uma maneira de mostrar, com segurança e seriedade, o caminho percorrido, desde a pergunta formulada à pesquisa de arquivo, assim como a estratégia pela qual faz a fonte falar, produzindo sentidos e revelações[...] (PESAVENTO, 2012, p.67)

A metodologia é o movimento e a evolução do aprofundamento da cientificidade do objeto, e o método é a perspectiva da qual se demarca a construção do sentido, o encaixa das peças de um quebra cabeça formando ao fim um significado. Sentido e significado dicotomicamente realizando e traduzindo símbolos, e ao mesmo tempo configurando e reconfigurando objetos.

Fiz a opção de escrever esse relatório em primeira pessoa, o que chamo de método afirmativo, isso pela necessidade de falar do meu lugar e sair do invisível lugar da terceira pessoa, porque está escrita se faz em tempo no qual é forjada a necessidade de se falar, de se escrever nos textos, adentrar no campo da subjetividade da escrita e assumir a autoria da minha produção, quando escrevo para os outros, escrevo também para mim, e esse lugar da primeira pessoa me legitima quando faço a opção de me autorizar a me posicionar e visibilizar como alguém que produz conhecimento. O momento da descoberta da mobilidade intelectual dentro do labor do conhecimento é para mim o mais eufórico, é como se as algemas normativas dos textos fossem dissolvidas pelo ácido da consciência intelectual de liberdade e de legitimidade enquanto autor.

Esse trabalho teve muitos caminhos, busquei olhá-lo de vários ângulos, na busca de encontrar o perfeito, mas descobrir que apenas um método não daria conta de fazer a pesquisa

se concretizar. Então comecei utilizando método da história oral para realizar as entrevistas. Ao coletá-las, eu adentrei muitas casas e a construção dos relatos se estendiam para memórias materiais, os objetos, a casa, as roupas, as plantas.

Como procedimento metodológico a história oral busca registrar – e, portanto – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua maneira com a coletividade e dessa forma permitir em conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma não conhecemos. (MATOS e SENNA, 2011, p. 96)

Para Verena Alberti (1989), a história oral se constitui como método que privilegia coletar a partir de entrevistas as percepções de mundo ou de fatos de sujeitos que testemunharam ou participaram de acontecimentos. Ela pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem a relação estreita com categorias como biografia, tradução oral memória, linguagem falada e método qualitativo.³⁵ Na construção do livro a história oral foi definida como fonte pesquisa, processo de tratamento de depoimentos gravados e técnica de investigação científica.

O cuidado com a aplicação e trabalho com a história oral permitiu com que os sujeitos e suas histórias fossem valorizados ao exporem suas memórias, saberes coletivos e individuais. “Os sujeitos construtores da História são enfim, todos que anonimamente ou publicamente deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem, no cotidiano de seus países e também há história da humanidade” (DELGADO, 2006, p. 56). Em soma método da história oral possibilitou o desenvolvimento do trabalho que contempla a proposta da história social – apresentando o fazer histórico dentro de uma nova perspectiva na qual as categorias, e grupos sociais que nunca antes tiveram espaço na história possam da suas importantes e necessárias contribuições.

As entrevistas tiveram uma duração que oscilou entre 30 às 60 minutos, os entrevistados aceitaram logo na primeira solicitação de entrevistas, e os mesmo assinaram os termos de consentimento. Uma entrevistada faleceu dois meses após a entrevistas e uma não aceitou o uso do gravador. Cada entrevistado ia apontado outras possibilidades de entrevistas, como o caso da minha mãe, a qual foi a primeira entrevistada, a partir da sua entrevista eu pude traçar uma nucleação de entrevistados que também conduziram a tantos outros, porém fiz a opção de ponderar no número de entrevistados em apenas 7 quando percebi que a quantidade de informações se mostravam suficiente para o que eu queria naquele momento.

³⁵ Ver: ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Ao entrevistar os moradores do bairro pode refletir sobre a construção da memória que de acordo com Delgado (2006):

[...] estão presentes as dimensões do tempo individual e coletivo (social, comunitário, nacional, internacional). Os sinais externos que mobilizam o ato de recordar e mesmo a indução de uma entrevista de história oral são referência para o afloramento de lembranças, que podem se construir como narrativas de acontecimentos históricos ou como seus testemunhos. A convicção de que o tempo da memória ultrapassa o tempo de vida individual exclusivo dos depoentes, já que esses, inúmeras vezes trazem gravados em si as histórias de família, as tradições culturais de sua região ou país, as histórias dos amigos, das instituições ou comunidades às quais estão vinculados. (p.63)

A utilização da história oral me proporcionou ter vivências e experienciamentos com os sujeitos de forma intensa, o que me levou a pensar o livro paradidático “**Um Quilombo Chamando Rua Nova**” como um romance histórico, para poder abordar todo aquele universo simbólico que estava embutido nas vivências dos entrevistados, os quais se tornaram personagens que contaram suas próprias histórias.

Julguei importante para a pesquisa, entrevistar os indivíduos que apreenderam as memórias subterrâneas que em tese começam a se formar nos anos posteriores a década de 1950 as quais, julguei ter informações mais precisas sobre a história do bairro. “Quem conta uma história, faz necessariamente apelo a sua memória e a trabalha para dar intelegibilidade à experiência e para ressignificar o vivido conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica seu ponto de vista” (SILVA e BARROS, 2010, p.69). Esses indivíduos agregaram grande parte da memória histórica do bairro, e com certeza, foram testemunhas oculares de eventos que marcaram o *consciente coletivo* dos moradores.

A narrativa ficcional foi adotada no paradidático visando o melhoramento da linguagem para os estudantes do ensino fundamental II, dessa forma, tratei das informações cedidas nas entrevistas de forma ética, sem alterações ou interferências da criação literária. A criação literária sem dúvida deu um outro ritmo para a contação da história, além disso, me possibilitou mais flexibilidade para utilizar os termos e deixar a linguagem mais convidativa e a leitura mais fluída.

A revisão bibliográfica foi essencial para as abordagens epistemológicas, nesse sentido, o repositório da UFBA, foi providente, pois, os trabalhos acadêmicos sobre feira de Santana que versam sobre a historicidade da cidade quase todos foram encontrados nesse acervo.

5 O PROJETO GRÁFICO

O formato do livro foi construído a partir da observação de livros físicos que atendiam ao público infanto-juvenil, aparência gráfica com formato 16cmx22cm foi tomado como modelo o livro sobre a vida Luiz Gama, de autoria de Myriam Fraga, publicado na coleção História de Cada Um.

Fui compreendendo que dentro da configuração documento deve se caber os conteúdos de forma harmoniosa sem que fique uma aparência poluída por informação mal distribuída. Sendo assim, configurei um documento com margem interna de 3,0cm, para colocação de espiral, lombada ou de forma que não se perdesse a área do texto; a margem externa 2,0, para ter mais espaço para a caixa de texto, a margem superior de 2,0 para inserir meu nome e o título do livro e margem inferior de 2,5 para o encaixe do número de página e rodapé. O livro foi diagramado no editor de texto *scribus* – um *software* que pode ser baixado gratuitamente.

Sobre as ilustrações, elas foram pensadas a partir dos elementos e imagens do cotidiano do bairro, tanto pela minha observação, quanto pelas vivências e narrativas dos entrevistados. As ilustrações buscam atender a imagem da época que a narrativa do livro retrata. A respeito da elaboração das mesmas, 4 foram elaboradas por Eduardo Matheus Xavier sendo as: as lavadeiras – página 09, uma negra com uma trouxa de roupa na cabeça - página 19, a venda – página 29, um velho e o burro – página 33. As demais foram elaboradas por mim mesmas, e o processo de coloração de todas as ilustrações também foram realizadas por mim, o processo que usei foi aquarela sobre papel ofício 75gm. Para transformá-las em imagem fiz a digitalização em alta-resolução 600dpi, na impressora *Hp Deskjet – Ink Advantage 1516 / Print-Scan-Copy*, em seguida editei no programa *Photoscape*.

As ilustração possui tamanho de diferente de acordo com a seção do texto que elas iniciam. Algumas se repetem para sinalizar o começo de uma nova história. Esse modelo eu adaptei do livro *Jubiabá* de Jorge Amado, publicado pela editora Record em 1999.

Sobre as fotografias que integram o memorial em homenagem ao povo da Rua Nova, foram obtidas a partir de coletas com autorização de imagem assinadas pelos portadores dos acervos ou pelas pessoas que diretamente cediam suas fotografias para serem fotografadas, nesse processo de registro eu utilizei a câmera *Canon Power Shot SX40015*. Seguida o recolhimento das fotografias eu as editei no programa *Photoscape*.

O Resultado desse processo de diagramação resultou em um livro de 62 páginas que pode ser lido em formato PDF, sua impressão foi em papel *off-set* 95gm.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório descreve todo processo de construção da pesquisa, passando pelas razões pessoais, e escolhas pautadas na militância. Tentei ser cientista, não que um militante não consiga escrever academicamente, mas me abri para me ver de dentro e de fora da pesquisa, pois acredito que o/a pesquisador/a que milita deve ter neutralidade e saber delimitar suas narrativas sem que ela se transforme em um apontamento dos problemas sem solução para tais. A produção desse livro me permitiu aprender o ofício da escritora, editora e diagramadora, por inteira a competência técnico-profissional de cursar o mestrado que possibilita o seu discente desenvolver suas técnicas ou até mesmo aprender novas técnicas, as quais agregam em valor e qualidade para sua carreira enquanto educador e profissional da educação em seu variado campo.

Como desdobramento da produção afirmo como pretensão um projeto de doutorado e outros materiais paradidáticos que atendam a educação inclusiva como os objetos educacionais, as mídias, que possibilitam aos cegos e surdos acessarem esse tipo de produção. Para os cegos a pretensão é projetar um áudio-livro, e para os surdos uma animação com uma interprete em Libras, claro que tudo isso concretizado via editais que apoiem produções desse cunho.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel G. **PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?**. In: Currículo sem Fronteiras, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

BENJAMIM, Walter. BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos – 3 ed.** – São Paulo: Cortez, 2009.

BOURDIN, Alain. **A questão local. Tradução de Orlando dos Santos Reis.** Rios de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade Texto e História: para gostar de ler a história oral.** São Paulo- Edições Loyola, 1999.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo e identidade,** - Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOUGLAS, Verrangia. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências.** In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.3, p. 705-718, set./dez. 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo** / [Nilma Lino Gomes] ; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. **Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.** In: **Superando o Racismo na escola.** 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.204p.: il.

GRAÚNA, Graça. **Educação, literatura e direitos humanos: visões indígenas da lei 11.645/08.** In: Educação & Linguagem. v. 14. n. 23/24. 231-260, jan.-dez. 2011 ISSN impresso:1415-9902 .ISSN Eletrônico: 2176-1043.

GRIGNON, Claude. **Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular.** In: Silva, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História oral como fonte: problemas e métodos.** *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006. 262 pg.; il.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História , metodologia, memória** - São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Claudio Orlando Costo do. JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais**. Curitiba: Progressiva, 2010.

OLIVEIRA, Fernando Bueno. D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Territórios quilombolas em contextos rurais e urbanos brasileiros**. In: *Élisée*, Rev. Geo. UEG – Anápolis, v.4, n.2, p.257-275, jul. /dez. 2015.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “Canções da cidade amanhente”: memórias urbanas, silêncios e esquecimentos em Feira de Santana, 1920-1960. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em História.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Historia Cultural**. 3ª Ed.– Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, V. P; BARROS, D. D. . **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada / Kabengele Munanga, organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, 204p.: il.

ANEXO

Cirene Santiago Santana – Morador da Rua Coelho Neto

Entrevista realizada dia 17 de julho de 2014

Meu nome é Cirene Santiago Santana, nascido no dia 05 de fevereiro de 1947, cheguei em Feira de Santana em 1969, comecei a trabalhar em 1971. Trabalhei muito tempo no armazém de fumo, pegava muito peso... certo! No tempo que eu cheguei aqui na Rua Nova o prefeito era Colbert Martins da Silva... certo! Não tinha calçamento, uma época eu fui arrancar um dente e voltei para casa embaixo de chuva, cheguei peguei um taxi quando chegou na frente do Colégio Ernestina Carneiro ele parou disse que não ia mais, porque tava cheio de buraco! Tava tudo cheio d'água... certo! Tive que sarta do taxi e pra casa pegar o dinheiro e voltar pra pagar o taqueiro porque era tudo cheio de buraco. Depois de pouco tempo Doutor Colbert da Silva, que Deus bote ele num bom lugar... meteu calçamento na Rua Nova todinha! E a gente tem que agradecer a ele pelas mudança que ele fez no bairro da Rua Nova. Tinha um tal de uma tanque chama tanque preto que ficava lá na rua da Canoa, ninguém passava era tudo cheio de água... água por todo canto!

O que o senhor sabe sobre o surgimento de bairro?

A dona do terreno era D. Pomba, ele liberou o terreno todinho pro povo fazer casa... que não pode pegar terreno já comprou a casa pronta... a minha mesmo eu comprei por mil e duzentos mireis, era mireis naquele tempo... certo! Dez mil e fiquei devendo duzentos, deu um trabai que eu nunca vi assim para eu pagar esses duzentos reais!! Ninguém queria morar era uma casinha pequenininha.

O senhor comprou essa casa na mão de quem?

Eu comprei na mão de o senhor que chamava Mario, é vivo ainda mora na Santa Mônica

Tem algum documento de venda? Um recibo?

Eu tenho um recibo. Naquele tempo não chamava escritura, chamava documento, uns papel que eles passava tudo doído! Aí foi com o tempo que eu comprei uns bloco e fui melhorando, consertei hoje em dia eu to debaixo.

E tem escritura a sua casa?

Tem.

Como era ser jovem naquela época na Rua Nova?

Naquela época... era época boa! Os “jovem” estudava não tinha essas coisas que hoje em dia.

E vocês estudavam aonde?

Estudava aqui no Ernestina Carneiro, tinha o Tereza Cunha e lá no colégio no Jardim Cruzeiro.

Como era o lazer naquela época?

O lazer naquela época era fazer o campo de bola num lugar que não tinha casa?

Na sua época já existia os festejos, os sambas, as rezas?

Já existia... existia muito candomblé! Tinha Helena do Bode, tinha Socorro que todo ano dava o samba dela! Ela tinha uma escola de samba. E Helena do Bode tinha um bode que até jornal comia, bebia cachaça... tinha vez que ficava deitado nos passeio morto de bêbado!! Não podia ver uma pessoas com jornal que ele queria ir atrás tomar para comer, aí ela tinha

um filho que saia atrás dele... ele saia entropicando, saia correndo, mas o filho dela pegava ele e amarrava o terreiro! Ele não agüentava ver um copo de cachaça!

Como eram os festejos juninos naquela época?

Os festejo juninos era beleza demais, o pessoal saia tomava licor, chupava laranja, comia amendoins... corria o bairro todo! Os arrastão aqui veio começar depois do calçamento.

E os candoblés?

Eu nunca fui muito chegado, mas de vez em quando a gente ia nos “samba”, juntava uma turma de três quatro e ia.

E sobre as assombrações?

Existia um tal Gregório, no dia que ele virava lobisomem ninguém saia de casa, o pessoal ficava tudo com medo, mas essa história de lobisomem é de oitenta pra cá, ela morava só, numa casinha veia esculhambada. Um dia flagraram ele virando lobisomem na fazenda de Osmundo.

Gostaria que o senhor me dissesse sobre o trabalho das mulheres aqui, como elas ganhavam a vida?

D. São Pedra mesmo era costureira, hoje que não costura mais porque está muito velha, mas ela costura numa casinha vela, da janela baixa que a gente passava umas onze horas noite e ela tava costurando com a janela aberta, porta encostada, porque naquela tempo não existia essas maldade que existe hoje! Outra profissão era trabalhar no armazém de fumo... isso matou foi muita gente por causa da poeira do fumo! Eu trabalhei dezessete anos no armazém de fumo. 60% dos homens e mulheres trabalhavam no armazém isso até o ano de oitenta e cinco, depois o armazém saiu daqui e foi para Cruz das Almas, eles disseram que a companhia de Fumo Hermes ia abrir falência, aí decidiram ir para Cruz das Almas. Trabalhava mais mulheres mães de famílias, os jovens não trabalhavam porque não agüentavam o serviço. Passavam o dia todo em pé cantando o fumo, inclusive tem duas amigas que ficaram aleijada por causa do trabalho no armazém.

Tecla de Santana Araújo – Moradora da Rua Muritinga
Entrevista realizada dia 22 de setembro de 2014

Meu nome é Tecla de Santana Araújo, nascida na cidade de Antônio Cardoso, na data que eu nasci chamava Tinguatiba de São Gonçalo dos Campos, depois passou a ser cidade de Antônio Cardoso.

Sou filha de Possidônio José de Santana, minha mãe se chamava Maria Jesuína Brito... eu nasci em 23 de setembro de 1949, comecei a trabalhar aos sete anos de idade na roça. Trabalhei até os quinze anos, depois eu comecei vindo pra Feira...

O que levou a senhora vir para Feira?

A roça que não deu mais, a gente plantava, mas a lavoura que a gente esperava não produziu, aí eu me desgostei e vi aqui pra cidade trabalhar. Eu costurava... comecei a costurar com sete anos de idade, até os onze anos eu era a melhor bordadeira da roça! (Risos)

E aí, com quinze anos veio pra Feira? Foi de comum acordo com seus pais?

Sim, eu vinha para casa de minha irmã, passar uns dias... aí fiquei costurando com ela. Depois o meu primeiro trabalho de carteira assinada foi no Café Pinto na moagem, e torrefação de café... na torrefação de café eu ensacava, e na moagem eu era conferente!

A senhora chegou aqui na Rua Nova em que ano?

Em sessenta e sete, eu achei bom! Naquela época é tudo beleza! A diversão era tocar um rádio e também tinha Socorro que batia candomblé... tinha Afonso! Tinha seresta no Alibabá... tinha um alto-falante que a gente ia, que era no Alto do Gonçalo de Pedro Felix... aqui não tinha água encanada, agente carregava água na cabeça ia buscar longe! A vida era boa! Já tinha luz e tinha água, e a escola Ernestina Carneiro...

Qual é a história que a senhora sabe sobre o surgimento do bairro?

... foi um terreno aflorado, um terreno assim que os donos não se importou de cada um fazer sua casa, depois que foram rever no cartório, mas mesmo assim uns comprou outros não! Chegou um tempo que ela liberou.

O que a senhora sabe de D. Pomba?

Que ela era uma pessoa muito boa, acolhia o pessoal... o terreno ela dava uns ela vendia tal... e tal!

E os festejos daqui? As lavagens?

As lavagens... nós ia pra do Cruzeiro, descia lá pelo Calumbi... tinha a festa de Senhor do Bonfim... e tinha o dia seguinte que era quarta ou quinta que era o dia da lavagem... aí descia do Cruzeiro aqui pra rua Itororó, rodava por aqui e aí descia até ali na ponta do Calumbi... e aí recolhia pra lá pro Cruzeiro de Novo.

E quem participava dessa festa?

Os pais de santo... Afonso, Helena... todo mundo de branco, era muito organizado, muito bonito!

E sobre a economia do bairro? Como era o trabalho aqui?

A maioria das mulheres trabalha tudo de armazém.

Com que faixa de idade?

Assim... até os 40 anos... 45... 30, uma saía porque era aposentada, outra saía porque adoecia! Quase todas as mulheres trabalhava no armazém de fumo, as que não lavava roupa de ganho... não era assim como hoje que todo mundo se emprega no comércio... a rua que eu morava era a General Cordeiro de Farias, não tinha calçamento, a casa que eu habitava era a cento de treze. Ainda não existia Centro de Abastecimento, a feira era lá em cima, funcionava tudo lá em cima, agora aqui em baixo o mercado do fato, o Centro é de setenta e seis.

Antes do Centro de Abastecimento ser construído, já tinha aquele canal?

Não! Era riacho, o canal foi de um tempo pra cá... ai pra passar o povo botava madeira e fazia essas uma pontinha! Na pracinha da Rua Nova tinha uma feirinha que a gente comprava as coisas, ali na Augusto dos Anjos... não existia supermercado, se chamava de venda, tinha balcão, balança de peso... tinha a mercearia de João Brito de Santana, meu irmão, ficava lá na Aníbal Tavares, Pedro Felix também tinha venda... na feirinha vendia tudo, carne tudo! Tinha poucas bancas o pessoal vendia mais na pedra, na pedra é vender no chão!

E sobre a vida religiosa daqui?

Era candomblé e catolicismo, ninguém aqui falava de igreja de crente não! Era a igreja de Senhor do Bonfim, a igreja da Matriz, dos Capuchinhos, Senhor dos Passos e dos Remédios, mas essas capelas veio a pouco tempo.

Qual eram as casas de candomblé mais conhecidas daqui?

Socorro e Afonso.... às mais conhecidas quando eu cheguei pra sessenta e sete.

Tinha muita rezadeira e curador?

Era ele que era o mestre... tinha uma senhora chamada Sinhá que rezava espinhela caída... rezava vento, levantava vento caído, olhado! Eras as rezadeiras e os "curador"... a rua dos Guaranis era chamada de rua da lama porque era todo tempo aqueles capim de burro molhado, molhado! Ali só tinha um lado de casa o outro era a cerca da fazenda de Osmundo... as divisão das fazendas era as cerca. Essa rua que desce aí mesmo chama de Calumbi porque tinha muito pé de calumbi e de jerema... é um mato! Eu acho que aqui chama Rua Nova porque a cada dia o povo ia fazendo casas e casas... foi aumentando! Eu vi Pomba poucas vezes!

Com vocês comemoravam Natal, São João e Micareta?

... algumas pessoas fazia forro, ligava o rádio dançava, São João por exemplo o pessoas cavava um buraco na frente da porta e enfiava um pau parecendo uma arvora, chamava de castelo e aí fazia a fogueira, pendurava laranja, assava milho... os vizinhos vinha pra nossas casas tomar licor, os arrastões mesmo os meninos inventaram de uns tempos pra cá... a primeira vez que eu fui na micareta foi em sessenta e nove, era muito bom, muita fantasia, mas também tinha muita pancadaria! O povo daqui ia de grupo! Aqui mesmo tinha a escola de samba de Socorro era a Escravo do Oriente, tinha um no Tanque da Nação... tinha vários blocos, tinha da Queimadinha, Pedra do descanso, mas não lembro os nomes... eu mesmo nunca participei porque já tinha filho e o marido não deixava! Eu mesmo não tinha tempo era mãe de família, criando filhos não tinha tempo para viver essas coisas!

Quais foram as pessoas que marcaram a história do bairro para a senhora?

Foi Pedro Inspetor, esse já é falecido... ele ordenava as coisas, se visse uma coisa errada ia até a delegacia, chamava uma pessoa maior para resolver a situação... D. Pecilia que já morreu, era uma pessoas muito boa, ela foi filha de santo! Pecilia era do candomblé de Afonso e vendia acarajé, eu já conhecia ela vendendo acarajé... a maioria das pessoas de idade que eu conhecia já morreu... era Armando, seu Ostrangildo, Pedro Inspetor, Seu Gordo do Brasão, ele era polícia, ele tinha um bar quem frequentava lá era a modernagem nos fins semana a noite era discoteca! Todo mundo se divertia! Tinha seu Migué fogueteiro, ele fazia o Judas pra vender e as vezes ele queimava, era muita encomenda, no sábado de aleluia tinha na pracinha e praça de D. Pomba. O Socorro mesmo botava o pau de sebo... esse pau passa muito sebo de carneiro ou de boi e lá em cima amarra... ôh! O quebra pote marra no pau e suspende, deixa o pote lá... e veda a cara aí a pessoas tem que bater para quebrar o pote, já pau de sebo a pessoas sobe e tem que arrancar o saco de bala, as coisas que tiver lá em cima. Socorro e Tatu o filho dela era quem fazia essas coisas.

Antônio Pereira da Silva/Antonhe Fala Grossa – Morador da Rua Cordeiro
Entrevista realizada dia 06 de outubro de 2014

Antônio Pereira da Silva, nasci em 20 de dezembro de 1943, na cidade de Anguera.

O senhor veio com quantos anos par Feira?

21 anos.

E veio direto aqui para a Rua Nova?

Vim direto para a Rua Nova.

E o senhor chegou aqui quando na Rua Nova?

Em mil novecentos e sessenta e quatro.

Então me diga aí, o que o senhor viu, o que o senhor viveu?

Eu cheguei aqui fui trabalhar em uma fábrica de doce, trabalhei uns quatro anos, depois a fábrica, o dono se quebrou, aí... paralisou "cabou" a fábrica aí... fui trabalhar de ambulante vendendo churrasquinho na festa, e lá vai!

Já morando aqui na Rua Nova mesmo?

Já morando aqui na Rua Nova.

E a fábrica era aqui mesmo?

A fábrica era lá na Rua Barão de Cotegipe... é! Ali perto para quem vai descendo para Queimadinha, depois do Fórum descendo, e aí, eu... comecei trabalhando de churrasqueiro, mas eu já tinha profissão de carpinteiro, mas eu não tinha muito conhecimento, aí foi aparecendo uns pedreiro, pintor isso... tá precisando de um carpinteiro lá, o pessoal tá querendo lá, aí lá vai eu... que hoje eu tô... não me preocupo com serviço hoje, vivo cheio né? E naquele tempo sempre o conhecimento é que vale tudo, né? Mas eu tinha pouco conhecimento, uma continuação "dos colega" pedreiro, pintor, eletricista, aí me chamaram eu aí, aí eu fui "panhando" o nome que hoje eu tenho a patente que tenho na parte de carpintaria é... e a Rua Nova eu conheço de sessenta e quatro pra cá, Colégio Ernestina Carneiro, eu vi fazer, começar o alicerço, a base, o...o... Colégio Oliveira Brito em frente ao Fórum, eu vi fazer, a rodoviária feita pelo Doutor Lomanto Júnior e daí pra cá o Prefeito era o Professor Joselito Amorim, entregou pra João Durval em sessenta e seis, em setenta João Durval entregou a Nilton, Nilton foi um período de dois anos... que os prefeito tirou, todos prefeito da cidade tirou dois anos, aí Doutor João Durval entregou a Nilton em setenta e, e... em setenta e dois os Doutor Zé Falcão ganhou, e aí, lá aí assim, aí eu conheço... depois veio Doutor Colbert Martins, a primeira vez.

O senhor lembra o ano da gestão de Colbert Martins?

Colbert Martins... aí eu não tô meio ligado não, eu sei as passagens, a entrega de uma pra outro é... acho que foi em oitenta e cinco por aí, fez o conjunto Morada do Sol eu vi fazer do começo também, tudo em fim.

O que Colbert fez aqui na Rua Nova?

O que Colbert fez? Grande personalidade Doutor Colbert, fez o posto médico, calçou essa Rua Nova e aqui o Jardim Santana, fez o Colégio Tereza Cunha.

Me conte a história aí do colégio, como foi?

O colégio, fui eu quem arranjei o terreno, que ele encarregou a mim lá na Rua Nova, numa reunião, e eu disse ô Doutor tem um terreno ali e eu penso que não ta vendido não que sobrou do conjunto lá e... já deve ser área azul, né?! Aí ele disse: Oe você encaminhe, eu disse: ah, eu vou lá na imobiliária, eu fui lá aí o rapaz disse: pronto já está reservado, com quinze dias os pedreiros já tavam aí começando o colégio... é!

A base da escola?

É, a base da escola, o Tereza Cunha e o calcamento daqui tudo ó! Fez o colégio de lá do Nova Esperança, fez um colégio no Jardim Cruzeiro, Doutor Colbert, fez um colégio no “Sobradin”, fez o colégio Tônico Vela Viera, lá na Getúlio Vargas, assim ali pra dentro. Tudo foi ele que fez.

Venha cá, e quando o senhor chegou aqui em sessenta e quatro, já tinha água, já tinha luz?

Não, quem botou foi o Doutor João Durval Carneiro, puxou a água do Paraguaçu, e ele era o prefeito, Doutor Luiz Viana Filho era o governador... eu fui no dia de inauguração da água, botou uma empresa de ônibus pra carregar todo mundo lá pro Tomba pra ver a chegada da água, e eu fui.

E da luz?

A luz! Doutor João Durval que iluminou a Rua Nova de ponta a ponta, a luz Doutor João Durval botou na gestão, na gestão de... prefeito, botou a luz e água. Que não existia água.

E o povo pegava água aonde?

Naqueles homi que vendia no tanque grande de chapa, o pessoal vendia puxando no burro, na carroça e a gente comprava as lata de água! Agora tinha o chafariz ali do Cruzeiro que a gente ia lá panha água lá no chafariz e tinha um chafariz aqui no largo de Dona Pomba, por siná, que tomava conta desse chafariz era um véi chamado seu Estevão, era até carpinteiro, colega de arte... aí pronto, aí lá vai assim, Doutor João Durvá puxou água do Paraguaçu e fez toda rede de água da Rua Nova, instalou tudo aí ó! E botou a rede esgoto-sanitário, Doutor João Durval.

A chegada da água foi antes do calcamento?

À água foi antes do calcamento, quando Doutor Colber calçou já tava à água... nós tinha tudo aqui, e essa iluminação... aí Doutor João Durval “botô” luz até no, no, no, açougue de Remundinho, daí pra cá, aí passado uns tempo que não tinha luz... aí, Doutor Colbert fez o cadastramento lá na Coelba, veio o caminhão de posto, trazer os posto aqui, com quinze dia veio esse homi aí, enfiou o posto tudo e puxou a veio de tudo, aí veio a eleição, Doutor Colbert tinha um vereador, o vereador vei o botou os braço, que já tava perto de leição, ai botô esses braço tudo aí ó! Foi tudo Doutor Colbert aqui no Jardim Santana.

E na sua fase de chegada, o senhor chega com 21 né?

Foi.

Qual era a diversão para um jovem de vinte um anos, naquele época em 64? Como era que vocês se divertiam, como é que vocês viviam a comunidade?

Aqui a gente quando tinha folga, ia pro cinema Íris mais uns colega da fábrica, ia pra um cinema que tinha lá Castro Alves, ia pro Timbira, armava circo, aí nós aí de quando em vez que a gente ia para o circo, era a diversão que tinha.

E aqui tinha festa?

Ave Maria, festa??! Aqui na Rua Nova sempre tinha festazinha, agora a festa mais... que eu freqüentava era no Feira Tênis Clube, na Euterpe, era os clube que tinha aquela festa muito bonita... até Roberto Carlos cantou no Tênis, Gilberto Gil, muita gente foi um sucesso.

Lembra dessa época, mais ou menos?

A época eu não to ligado porque a gente não grava, assim digamo... uma coisa que passa hoje às vezes quando for daqui a dez anos ou cinco anos, a pessoas esqueci até daquela data né?! É, mais é, era isso mesmo.

E sobre a história de surgimento do bairro, o senhor sabe do que assim?

Do bairro?! O bairro surgiu aqui... a Rua Nova aqui não tinha nada de calçamento, carro atolava aqui, caminhão chegava aqui atolava, taxi não queria vir aqui, a gente chegava no centro da cidade, dizia: taqueiro me leve ali, aonde é? Na Rua Nova, ah! Eu não vou não. Aí Doutor João Duvá que era o prefeito na época de sessenta e seis, fez um caçamento que era por onde o ônibus descia da Augusto dos Anjos, e botô iluminação e teve uma grande festa, aí como é que diz, aí ele fez aquela rua e botou iluminação, aí ficou o restante, aí que depois foi que ele resolveu estender iluminação na Rua Nova toda, até aqui no açougue de Remundin, do açougue de Remundin pra cá já foi na gestão de Doutor Zé Falcão e Colbert Martins que era o diretor geral da antiga SURFEIRA, Doutor Colbert... aí é... rrsrrsrrs

Porque assim, alguns dizem que era a fazenda de Dona Pomba e que aí da fazendo o povo ia chegando, alguns no começo pedia um pedaço de terra a ela.

Chamava a florado.

Isso!!!

Gostaria que o senhor falasse sobre isso!

A florava, o pessoal chegava assim aquele pedaço de terra cinco metros, seis metros aí fazia aquelas casinha assim, casinha de adobo, aí ia morar, na ocasião que deu chuveiro aí, caia casa direto, que era de “adobo”, terra pura, aí Doutor Colbert ajudou muita gente dando pedra areia, esses negócios pro povo reconstruir as casas... então a Rua Nova hoje tá cheia de prédio, casa bonita que tem aqui na Rua Nova... tem diversas casas! Agora naquele tempo, meus Deus do céu! Aquelas casinhas de “adôbo” com qualquer coisa caia.

E o a floramento assim... depois que chegava pagava?

O “pessoá” que a florava aquela terra fazia aquelas casinha e pagava a D. Pomba aquele trocado do a floramento, mas tinha gente aqui na Rua Nova que nem pagava nada! E D. Pomba nem esquentava, D. Pomba foi a mãe da Pobreza! Aqui na... Deus dê o céu a D. Pomba... foi a mãe da pobreza do povo aqui na Rua Nova. Eu não peguei terreno naquele tempo aqui na Rua Nova que quando eu comprei aqui já foi loteamento do açougue de Raimundinho pra cá já foi outro comércio, então D. Pomba nunca esquentou a cabeça com esse, faz de conta que ela deu esses terreno tudo aí da Rua Nova, muitos pagava, outros não pagava um centavo e ficava por isso mesmo... foi a mãe da pobreza desse povo aqui da Rua Nova, eu não teu terreno aqui, mas se eu chegar num lugar e ver um ordinário falar alguma coisa de D. Pomba, eu repilo em cima da bucha, não fale mal daquela mulé... aquela mulé foi a mãe da pobreza aqui na Rua Nova... D. pomba!

O senhor chegou a conhecer D. Pomba?

Eu trabalhando na rua no meu ramo de churrasquinho, passava lá de frente que o caminho da gente era por aí... eu passava e via D. Pomba todo dia!

Seu Antônio, quando o senhor subia qual era o caminho mesmo para chegar no centro da cidade? Ali onde hoje é o Terminal Central, era riacho, era lagoa, como era aquilo ali?

Ali tem uma água que descia ali... o caminho que nos descia era por ali pela Farmácia de Seu Carlinhos, saia lá na dezoito do forte, tem uma descida que desce assim na avenida de quarto, aí a gente saia ali na Mantiqueira e agente “panhava” aquela rua que desce lá pro Centro e aí atravessava e tinha o “camin”” aí subindo... não tinha Centro de Abastecimento, não tinha nada!

Essa ponte que existe hoje, não existia antes?

Não existia, era um riacho! A pessoa passava ali e subia um caminho para a Euterpe... eu subia de bicicleta por aí!

Era tudo estrada de chão?

Não, não tinha estrada não, era só um caminho... tinha uma água ali, as mulé lavava a roupa tudo ali.

O senhor lembra nome de algumas mulheres que lavam roupa lá?

Lembro de uma que morava perto dela na Rua Nova e chamava Maria, já morreu! Tem um “bucado” de tempo já e outras mais que lavava roupa lá! Que ali tinha água descendo... foi depois que fizeram o Centro de Abastecimento que canalizaram aquela água no riacho, aí veio o Douro Zé Falcão e fez uma ponte de madeira pro povo passar pra lá... e lá vai! Depois da ponte de madeira com a continuação, o Douro Martins fez a ponte de cimento ali ó! Naquela rua que cai no bar de Louro.

E sobre o trabalho, qual era a profissão da maioria dos trabalhadores daqui, homens e mulheres?

Naquela época que eu trabalhava na fábrica de doce eu conhecia várias mulheres que trabalhava no armazém de fumo... D. Nem de seu Beliro mesmo, trabalhava no armazém... eu cansei de passar e ver ela ali no armazém no fundo do SESI, ali onde hoje é a Cesta do Povo, ali era o armazém de Donga Falcão.

E os homens daqui?

Igualmente a hoje uns que trabalha como pedreiro, tem um que nem eu que sou carpinteiro... pintor, eletricitista que diversos aí que eu conheço a parte de trabalhador de profissão que tem aqui na Rua Nova, eu conheço eles quase tudo! Continua a mesma coisa, não é?! Aquele pessoal que trabalha em loja, a parte da polícia militar eu conheço diverso, Seu Tiofi soldado que hoje é sargento aposentado... Capitão Benício cansou de descer mais a gente que ele estudava e descia mais a gente de noite, ele era soldado ainda e daí passou pra cabo. Aí ele chegava na rua eu e os outros churrasqueiros doze horas da noite pra descer, “Aí dizia: ó menino vocês vai descer agora?” A gente dizia: nos já vai! Ah eu vou pegar a carona de vocês porque não é bom uma pessoas só descer aí... aí a gente descia por dentro do caminho centro... aí ele se evoluindo que ele tinha estudo passou a sargento de sargento o Capitão Benício passou a Tenente e hoje ele é aposentado como Major.

Ele morava onde aqui na Rua Nova?

Na dezoito do Forte, ainda mora. Ele teve um problema que ele tem diabete perdeu uma perna.

E sobre a feirinha, quando o senhor chegou aqui, já existia a feirinha?

A feirinha da Rua Nova... eu ia todo domingo comprar uma carne na feirinha... era! Aquela feirinha ali, “as rua” tudo de terra e aí tinha feirinha.

Sempre foi naquele mesmo lugar?

Naquele mesmo lugar, hoje “acabo” que não tem mais feirinha ali né?! Mas era uma feirinha quente, onde se comprava farinha, feijão... açúcar, café, tudo ali, barraca... “os açougueiro” cortando carne. Tinha um cidadão chamado Pedro Felix, você já ouviu falar do Pedro Felix? João do finado Enoque... eu era freguês de João, pra feirinha pra comprar carne na mão de João!

Tinha gente de outro lugar ou era gente da que mesmo?

Era “os pessoal” daqui que formava a feirinha, tinha um “fi” de um cidadão que morreu há pouco tempo que era açougueiro chamando Zelito, mora ali no começo da rua Mantiqueira, Zelito, o “fi” dele cortava carne aí também era assim...

Então a feirinha surge antes da abertura do Centro de Abastecimento?

Ave Maria! Não sonhava fazer o Centro Já tinha e feirinha.

E era muito movimentada?

Bem movimentadinha dia de domingo, oh! Ficava assim de gente todo mundo fazendo suas compra era feijão, farinha, açúcar, café... tinha barraca que eles “armar” com todo sistema de comestível ele tinha.

E era domingo o dia todo?

Não, até meio dia... de tarde acabava a fera que nem a fera do “Sobradin” a feira até doze hora, uma hora tá movimentada ... de uma hora em diante termina.

O senhor já presenciou alguma briga?

Não, isso eu nunca vi... aqui na feirinha da Rua Nova não!

Disputa de “feirante” por algum ponto?

Não, o povo não fazia briga por causa disso não! Todo mundo trabalhava lentosinho na feirinha, todo domingo eu tava lá, eu morava lá de junto... todo domingo eu tava lá de manhã, era assim...

Então quer dizer que a feirinha sempre foi ali na Augusto dos Anjos. E subindo mais um pouquinho pelo o que já ouvi dizer, tinha a praça da televisão!

A praça da TV botada pelo Doutor João “Duvá” no governo dele de 66 a 70, ele botou e o guarda vinha toda noite abria e quando era pra dez... onze horas o guardava fechava numa coluna lá em cima... ninguém tinha televisão aqui, a gente assistia copa do mundo lá na pracinha.

O senhor lembra o nome da praça?

A pracinha.... a Praça da Fraternidade... que hoje é a base da polícia militar.

Subindo mais um pouquinho, o senhor chegou a conhecer Helena do Bode?

De mais! Eu ia tomar “cafezin” onde ela tinha uma venda lá na cajarana aquela rua que Doutor Colbert fez que sai lá naquele depósito da florestal ela tinha uma venda ali, Paulo Preto que o povo chamava ele de Paulo do Colchão vendia aqueles colchão de capim aí ele tinha venda também mais a diante... e eu ia de noite pra lá, parava a bicicleta aí... chegava e tomar um café de Helena do Bode, pegava cigarro aí eu dizia... D. Helena quanto é que eu

devo? É tanto! Eu dizia ôh! Dona Helena um cafezinho desse... quanto é? “É tanto” ôh! Dona Helena tá caro, ta me roubando! Eu “pileriava” mais ela... ela dizia: “não! Não tá caro não! É o preço!” Aí eu pagava ... ela uma “mulé” larga, dessa grossura! Ela tinha um bode, o povo dava cachaça... chegava nos bar, eu cansei de ver o cara dizer assim: bota cachaça aí! O cara botava o copo de cachaça aí ele bebia e dizia assim: bota outra! Aí chegava e botava e o bode ficava tá, tá, tá, bebendo... ôh! O tamanho do bode, ele andava pela ferinha, por aquele tudo; D. Pomba tinha numa vaca “holandês” aí um dia eu to lá no bar da esquina que era o antigo bar de Humberto, onde é a farmácia de seu Carlinho, aí tinha uma velha que vendia milho assado, vendia amendoins aqueles negócio!

O senhor lembra o nome da velha?

O nome dela eu não to lembrado agora, aí ela descascou uma ruma de milho, ficou aquele “paero” de milho... aí a vaca veio de lá e a vaca... pegou comendo palha no pé do poste assim, no poste da luz bem assim e vaca danou a comer palha, aí veio o cidadão, um rapaz lá... ah! Lembrei o nome dela acho que era Nininha, e ela vendendo lá “os negócio” dela o cidadão disse assim Oe! Me dê uma panela aí... ôh, peito da vaca, deste tamanho! Aí o cara, me dá uma panela aí... aí o cara chegou tchá, tchá, tchá, tirando leite, encheu uma panela de leite e vaca nem aí, nem se bulia, nem se incomodava! A vaca distraída comendo palha, e aí o cara tirando leite, tirou uma panela do tamanho daquele balde ali de leite! A vaca preta “holandês”

Era de costume ter animal assim de estimação né?

A era, “as vaca” era de D. Pomba.

Agora sobre Helena do Bode, tinha uma casa de candomblé, né?

Tinha!

O senhor chegou a ir a alguma casa de candomblé lá?

Eu fui lá uma vez que “os amigos” me chamou lá na fábrica, nós trabalhou o dia todo na fábrica de doce, quando foi de noite ele disse assim: “vamo” lá pra Helena do bode... não! Ele disse assim: ôh, tu vai de noite que lá em cima tem uma meninada aí cada um arranja uma, aí eu vou de noite pensando outra coisa, quando chega lá um candomblé de Helena do Bode... um bucado de mulher com aquele saião branco rodando assim! Tinha “uns cara” jogando dinheiro no chão e elas “panhando” aquele dinheiro, eu disse: é aqui que vocês me chamo pra vir pra aqui?! Ah, vou me embora, aí me mandei e ele ficou lá... eu digo que eu não gosto desse negócio de candomblé, eu fui pensando outra coisa não negócio de ir pra candomblé, eu aqui ôh, dei no pé.

E a mesma rua onde ficava o candomblé de Helena ficava a casa de Pedro Felix não é?

Não, Pedro Felix ficava na Montes Claro, ele tinha aquele serviço de alto falante que ele gostava desse negócio e tinha o alto-falante de Zeca lá no “barro vermei.”

Então era o de Zeca que ficava lá no barro vermelho?

Era lá no barro vermei.

E como era esse esquema, ia pra lá ouvir rádio?

É porque lá tinha aquelas “budegas” aí nós ficava por ali... e lá era “chei” de mulé por lá, aí gente chegava lá e arrimava uma “nega”... hoje que o barro vermei é perigoso, quem vai lá naquele diabo hoje?! Mas naquele tempo era uma beleza, era uma tranqüilidade, a gente chegava ali, eu só saía de lá duas horas, uma hora da madrugada... eu chegava com a banca

de churrasco, aí quando eu chegava em casa me mandava pra lá! Eu tinha uma bicicleta muito bonita uma 74, montava e me mandava pra lá pro “barro vermei”, ficava lá até tarde...

E Zeca botava música no fim semana?

No alto-falante, a gente pedia pra botar música a pessoa gostava de uma figura... ôh, Zeca passe aí tal música assim, assim! Pra fulana de tá e ele passava. Zeca tinha trio elétrico, micareta ali na rua... ele tinha trio elétrico!

Então falando de micareta, de festa... vamos lembrar aqui da lavagem, o senhor chegou a participar de alguma lavagem?

A lavagem da Igreja de Santana, oxente! E eu não ia, eu ia tinha o bando no começo da festa, no dia de domingo o primeiro bando, aí aquela rua Conselheiro Franco de manhã cedinho cindo horas da manhã vinha assim de gente! O bando que era a abertura da festa... chamava o bando! Passada essa temporada veio Dom Itamar Vian que disse que aquilo tina muita “esculhambação”... aí ele acabou com a festa de Santana por isso. A festa do “Capuchin” hoje também não tem! Que era a festa de Santo Antônio, mas hoje ele também acabou, era uma “festona” cheia de barraca de cerveja “arrudiava” ali o convento dos Capuchinho tudo... acabou também.

E você saía daqui para ir à festa de Santana, você se fantasiava?

Não, não! Isso aí eu nunca... eu ia para a festa de Santana era vender churrasco, agora negócio de fantasia, essa coisas... esse negócio comigo nunca colo não!

E a festa do Cruzeiro?

Uma excelente festa, eu matava de chapéu lá... o Cruzeiro era uma boa festa, tinha a festa do “Natá” da Kalilândia que festa! “Essas festa” acabou tudo!

E a lavagem daqui da Rua Nova o senhor chegou a participar?

Não, aqui eu nunca gostei porque uma vez teve um negócio de uma lavagem aí e “mataro” uma rapaz aí que era até sobrinho da “mulé” de um amigo meu que mora no Feira IV, aí teve esse negócio, aí “mataro” o rapaz, lá pro lado da bandeirante... aí eu nunca gostei de festa em casa não.

O senhor sabe me dizer quem era que organizava essa festa?

Eu não sei quem era o participante dessa festa, eu sei que sempre tinha né?! Aquele largo da farmácia de seu Carlinho em emergência de São João, de “Natá”, aquele Brasão do finado gordo, um dia mesmo eu tava lá... fui eu que fiz aquele varandado na frente, botei as “esquadrilhas” dele lá, e foi numa emergência de festa parece que foi uma festa de Natal que eu tava lá outra uma festa de São João que eu botei as esquadrilhas, tava uma festa lá... eu tive até lá de noite! Que teve um que morreu a pouco tempo que trabalhava com churrasco também, chamava Gregório, e Gregório tava lá, eu tive lá batendo papo mais um coligado e coisa... e tava a festa rolando lá gente tava assim... a polícia guarnecendo!

E os arrastões daqui?

É, eu nunca quis meia com aquilo... aquilo ali. Por sinal hoje a pessoa fica até “cabrero” de entrar nesse meio, ali dentro tem muita gente ruim... não adianta nem a gente participar desse negócio. Eu ouvi dizer que o arrastão surgiu porque na época de São João chegava uma turma na casa de alguém, comia, dançava um pouquinho... aí já pegava aquela turma e ia pra casa de outro. Ah! No São João era assim.

Então me conte aí como era?

Exatamente no tempo que eu trabalhava na fábrica de doce, a meninada de lá do “Sobradin” e aí de noite a gente ia pra casa delas, que elas trabalhava lá, e a gente dizia: ah, de noite a gente vai pra lá tinha aqueles forró e a gente dava uma dançadinha, e aí era amendoim, era licor... saía de uma casa entrava em outra e lá vai, aí quando dava doze hora, uma hora, todo mundo saía que a gente via embora pra casa dormir, mas eu ia e participava da festa. O arrastão começa disso, tinha padeiro, tinha violão... mas, esse negócio de arrastão nunca me meti nesse meio não, eu ia nas festas assim no São João que tinha aquelas danças ali no “Sobradin”... um dia eu cheguei aqui um coligado meu foi pra Marinha, disse assim: olha eu vou pra Marinha pra me apresentar, olha eu não posso ir, tem uma festa na Rua Nova uma beleza eu não posso ir porque eu vou pra Salvador, eu digo: eu vô! Quando eu cheguei lá o cabra me atendeu bem pra danar parecendo que eu era um convidado, foi licor, foi bolo, foi amendoim... misericórdia! O cara hoje tem uma venda perto de onde tem a base... aí me chamou lá que uma meninas... naquele tempo eu era novo, dançava seguro. Também tem outra história do famoso pau de sebo de Socorro. Tinha!

O senhor chegou a presenciar?

Não, eu passava assim e via lá, eu não me ligava não, só fazia passar e ver os menino subi... escorregando pra tirar os negócio que tá lá em cima daquele poste.

Dava muita gente?

Dava, dava! Na Baraunas tinha um som... um, um alto-falante que o cara fazia aqueles programa que chamava, como é?! Tinha um nome... dava aquele show lá eram assim, era uma festa de dia de domingo, na Baraúna.

E sobre a micareta, porque aqui na Rua Nova tem escola de samba, muito bloco afro, como era a organização aqui? Como eram os preparativos pra micareta?

Eu via tudo, tinha Socorro, tinha aquele carro, uma carroceria puxando no besouro toda enfeitada, aí tinha Emiliano, ele tem um filho que vem aqui em Dona Dinha que é pedreiro “Dai” exato, Emiliano que era o pai dele, ele era desse negócio de Socorro. Eles tinha carroça, ele participava de tudo isso e eu passava e via lá, aí todo dia quando eu passava via lá... aí todo dia o besouro vinha e parava lá no largo de seu Carlinho da farmácia, ficava aquela carroceria com quatro pneus e aí o besouro vinha puxando aquilo, quando era de noite ia lá pro Centro da cidade todo enfeitado, era bonito!

E ficava na pracinha, tinha alguma festa, alguma música?

Não, na micareta quando vinha ele, porque ele não deixava lá na rua, aí quando vinha estacionava e deixava ali no outro dia ia de novo.

E o senhor lembra o nome da escola de samba dela?

Aí eu não to lembrando mais não, chamava Mamãe Socorro, a escola era de mamãe socorro e tinha esse negão que hoje é crente chamava Costa, aquilo virava um pirulito, hoje quem quiser que... disse que se a pessoas falar hoje ele acha até ruim. Aquilo na festa do Cruzeiro virava um pirulito numa escola de samba, eu vendendo churrasco ali certo, ele passava, êta que o nego virava igual a um pirulito... tudo isso né?! Muita história! Costa participava na Matriz, todas essas festa que a escola de samba... ele dançava na escola.

E aqui tinha grupo de samba e tocador?

De tocador que eu conheci aqui era o finado Ireno que tocava safona e agora aparceu uns aí que eu não tenho muita lembrança, mas era só isso aí... aqui tem um bate violão muito bom, Pedro ele mora ali de junto do Escola Ernestina Carneiro.

Ele tocava nas rezas? Tinha muita reza por aqui?

Tinhas umas novenas assim... mas hoje não existe mais. Eu gostava das festas lá da minha roça, aquelas festa! Como caruru, tinha tudo!

E aqui na Rua Nova tinha essas festas?

Ainda hoje tem gente que dá caruru, faz uns sambas, mas diminuiu mais!

Tem outras questão seu Antônio, naquela época as pessoas não tinham hábito de ir ao posto médico, hoje em dia isso é muito fácil! Mas antigamente as pessoas costumavam ir até um curador a uma rezadeira, o senhor chegou a conhecer algum curador ou rezadeira daqui?

Eu conheci a mãe de Grilo que mora ali de junto de Zé do Gato, que ela era rezadeira... já morreu! Tinha outra que morava ali na rua... de junto do mercadim de Eraldo, também que era rezadeira, tinha a finada Lourdes que ta assim... na faixa de dois anos que ela morreu! Era parteira!

O senhor conhece seu Afonso?

Conheço! Ele pai de santo. Naquela época já tinha igreja evangélica por aqui? Igreja tinha pouca! As igrejas de crente eu vi fazer tudo!

Afonso de Queiroz (Babá Afonso) – Morador da Rua Heráclito de Carvalho
Entrevista realizada dia 28 de outubro de 2014

... eu já estou com 58 anos aqui...tinha casa nenhuma aqui, tinha mata bruta... só tinha mata bruta. Só tinha Barro “vermei” por lá!

Aí deu o pedaço dele, ele vendeu e o dela ela aflorou... era uma fazenda só. Era tudo fazenda... a parte ali do Centro era Mané Matias, a outra parte de lá que vem da Rua de Aurora, é de seu Heráclito.

Então, eram várias fazendas?

Era sítio. A primeira casa foi essa aí, moravam dois índios, Antonhe índio e Zé índio.

Dois índios mesmo?

Era.

Mas a casa ainda é da mesma família?

O índio era até novo, um era novo, o outro era mais velho, aí ele fizeram essa casa aí, eu comprei essa casa aí, por sete conto.

Sete conto de réis?

Eu comprei e dei minha mãe, aí minha mãe chegou... quando meu pai veio, ele disse que não ia morar em cubículo... a casa era pequena... porque eu não sou daqui, sou de Castro Alves, aí meu pai veio olhou a casa e disse que não queria não! Que ele não ia morar em casa pequena, porque a casa da gente lá no Argoin é uma fazenda, dá três casas dessa. Agora ele deu para vender tudo, acabou com tudo e o povo “dirrubaro”... essa casa vai quase cinqüenta metro de comprimento.

Essa daqui? Vai até o outro da rua né??

*Tem essa casa e do outro lado tem a outra... a outra eu dei minha filha caçula que “mataro”
 Eu lembro dessa história, minha mãe me contou...*

Sua filha era feita no santo?

Era, era filha de Iansã... Iansã com Oxossi... os dois guerreiros. O pai de santo dela é o mesmo da minha mulher, ele é de lá de Acupe, lá de Saubara.

Perto de Bom Jesus?

Sim, um que chamava Justino. Ele fez o santo dos “meus fio” tudo.

Por que o senhor não pode fazer, né?

Não, não... quem fez todo foi ele. E foi tudo em um barco só? Não, três barcos, um barco depois três

E senhor teve quantos filhos?

Eu tive doze, morreu quatro... morreu uma com onze anos, morreu uma com dois anos, com um ano, foi assim...

Mas antes de serem raspados?

*Antes, antes... minha Mãe de Santo era Augustinha Lopes Ramos de Ogum Mejeje.
 De lá? Não daqui de Feira mesmo... Ogum Mejeje e Obaluaê. O nome do santo dela era Ogum Mejeje Dejendê.*

A qualidade do Ogum dela?

Da mãe de santo, aí quem tirou a mão dela foi Irineu de São Felix.

Irineu era filho de Zé do Vapor?

Era filho de Zé do Vapor, quem raspou ele foi a finada Leonora, lá da Roça do Ventura.

Então, o senhor tem parte do Jeje também??

Tenho, Tenho, e ela era nagô... nagô puro. Morava lá pra cima pro lado no Sobradinho, ela morreu tem um bucado de ano... aí eu tirei a mão de meu pai pequeno e fiquei com ele... ele veio a morte, aí Irineu veio e confirmou Axogum. Ele já corta pro meu santo há trinta e oito anos.

É mesmo seu Afonso??

É já tá velhinho... internei ele, foi uma barra que eu passei, aí fui procurar outro zelador, mas o “caboco” estranhou, disse que não aceitava, não! Iansã disse que não aceitava de jeito nenhum!!! Aí... aí foi que ela veio e aceitou um menino que já era confirmado, aí teve que recolher esse menino de novo, tornou raspar, ele já corta há muitos anos, aí passei aquela faca de Axogum pra ele... ele já corta há muito anos, ele tem agora quarenta e quatro anos. Eu tinha cinqüenta e dois Ogan, mas não progrediu eu botei tudo fora... uns morreu, uns se acabou... eu disse aqui não! Aqui entra quem tem capacidade, quem não tem capacidade não entra nessa casa aqui não.

Não é brincadeira ser um Babá, é muita responsabilidade.

É, quem botou a mão em cima de Iansã tinha, tinha! Quem me fez o santo tinha!

Seu Afonso, quer dizer que o senhor nasce em Castro Alves é?

Não, eu nasci no Agoin, em dois de agosto de mil novecentos e trinta e um.

Qual o seu nome completo?

Afonso Queiroz. Sabe como foi essa história minha fia?!

Meu pai teve 9 filho... 9 filho, quando ele foi registrar os filhos, que ele era casado no civil com minha mãe... a escritã do Argoin botou tudo errado... aí ela botou assim... Afonso Queiroz, filho legítimo de Francisco Queiroz e Juvena Queiroz... aí quando eu fui servir o exército, me alistei em quarenta e nove, entrei em cinqüenta e saí em cinqüenta e um, aí quando eu fui pra receber a carteira o Coronel disse que não aceitava não, porque ali tinha três irmãos, Afonso Queiroz, filho legítimo de Francisco Queiroz, Juvena Queiroz. Ah, ela registrou o nome do seu pai, da sua mãe, tudo com o mesmo sobrenome? Aí, quando foi em 1949 e nove eu me alistei, cinqüenta eu servir e cinqüenta e um eu saí do exército.

O senhor serviu lá em Argoin mesmo?

Não, eu já trabalhava já! Eu saí de casa tinha 13 anos de idade, me joguei no mundo. Deixei meu pai em 1944 anos... eu tenho 39 bisnetos, 22 netos e 4 tataraneto. Ave Maria que família grande! Continuam no santo? Todo mundo, só teve umas que saiu pra lei de crente, aí eu danei, danei com eles! Então seu Afonso, quer dizer que o senhor saiu de casa com 13 anos de idade... com treze anos, ainda ia fazer em agosto.

E foi pra onde?

Pra Itaberaba... morei lá quatorze anos. Aquele sertão da Bahia eu rodei todo, deixei meu pai, rodei e fui até Mato Grosso. Eu viajei para o Rio, do Rio para o Paraná pro Mato Grosso, quando eu cheguei lá no Mato Grosso o “caboco” me pegou no meio da rua, na porta... na porta da catedral da cidade.

O senhor já era feito no santo?

Oxem, é! Eu fiz novinho, fiz 65... 65 anos de santo.

Então quer dizer que o “caboco” pegou o senhor na porta da catedral, foi?

Foi...

Me pegou na porta da catedral da cidade de Ponta Grossa , Mato Grosso.... aí eu era noivo de uma moça em mundo novo... aí o “caboco” me deixou a ordem que ô eu voltava ou ele ia me jogar debaixo de um carro.

Qual o nome dele mesmo?

Sultão das Matas. Seu Sultão! O “Caboco” do meu santo é Sultão das Matas, aí ele disse que eu tinha que voltar... eu já era noivo de uma moça em Mundo Novo, não era casado ainda não, eu já tinha filho! Ele mora ali como é que chama?! Tanque do Urubub, Nego Bel... ele já tem sessenta e um anos; eu ia pra o Rio Grande do Sul quando tava em Mato Grosso ele disse que era para eu voltar pra Feira de Santana, que minha vida não tava lá não! Pra eu voltar para Feira de Santana, porque minha vida tava toda em Feira de Santana.

O senhor já tinha vindo aqui? Vinha para as bandas de cá?!!

Quando eu tava no exército, Itaberaba disputava tiro de guerra com o daqui, aí a gente vinha pra cá jogar futebol, voleibol... o meu era 125 o daqui era ... eu não saía daqui, eu gostava daqui! O senhor serviu o exército e foi pra lá, e Sultão mandou voltar! Ele leva o tempo sem vir aqui, ele veio aqui no mês de julho! Ele é retado! Quando canta o angolossi de “caboco” ele responde... ele mora em Bom Jesus da Lapa! Eu não era casado ainda, eu tinha filho... eu já tinha vários filhos mas não era casado, eu casei depois do quinto filho.

Quando Sultão pediu para o senhor voltar, o senhor demorou quanto tempo?

Eu tive que trabalhar pra vir pra São Paulo, cheguei em São Paulo aluguei uma casa na vila espanhol, morei dois anos... depois eu vi para Belo Horizonte, aí eu vi me embora... rodei tudo, trabalhava pra mandar despesa pros filhos, assim eu conheci a Bahia toda... aquele sertão da Bahia todo! Eu enterrei meus irmão tudo! Eu enterrei nove irmãos.

Foi mesmo seu Afonso? O senhor é o filho mais velho?

Eu sou o sétimo filho do meu pai, fui eu quem enterrei tudo.

Só tem o senhor vivo?

Eu e outro, da Queimandinha... mora na Queimadinha. Enterrei meu pai, enterrei minha mãe, enterrei nove irmãos... já labutei com uma irmã louca sem recurso, fiquei quarenta e nove anos com ela, cuidando... ta com oito ou sete anos que ela morreu eu enterrei ela lá no cemitério Jardim Celestial, já tinha uma cova lá, mandei enterrar na cova. Já enterrei meus cunhados tudo, o último que tinha eu enterrei vai fazer um ano agora em fevereiro. Agemiro foi um dos primeiros Ogans de Feira de Santana, a digina dele era Bére juà, filho de xangô e Obaluaê, dois santo brabo... eu deixei o carrego dele pra fazer agora em novembro, pra não ficar tocando um axexé em cima do outro, deixei pra tocar agora no dia dois de novembro.

Vai tocar lá na roça?

Lá tem Obaluaê assentado, tem Balê, tem barracão do Egum, tem tudo! Tem barracão de Obaluê... sim, mas voltando a sua história. O senhor nasceu no Argoin, com treze anos o senhor sai... mas agora eu vou lhe fazer uma pergunta, quando foi que o senhor fez o santo? Eu fiz novinho aqui, eu fiquei louco... foram me buscar em Jitauna pro lado de Dois Irmãos, no Sul da Bahia... eu fiquei louco quando me dei conta já tava aqui...

E seu pai foi de lá de Cachoeira?

Não, a primeira foi Agostinha Lopes Ramos, eu fiz com ela no nagô, aí eu tirei a mão de morto com Irineu.

E essa Agostinha é daqui de Feira?

Não, é de Conceição, ela tinha uma casa aqui, trabalhava aqui... morava aqui. Agora o senhor sair do Sul da Bahia para raspar seu santo aqui!!! É minha filha, tudo é marcado por Deus!! Tudo é marcado por Deus.

Mas diga uma coisa, se o senhor se sentir à vontade, o senhor é filho de quem?

De Oyá Guineji.

Ah, por isso que a casa é dela, não é?

É... ela não quis sair, não quis sair... eu comprei uma casa pra botar ela... fiz tudo, fiz barracão, fiz uma capela muito bonita, aí arrumei o Balê que era para assentar o Leci Egum... ela disse que não saia não! Mandou chamar a Dona do terreno, Dona Ernestina Carneiro e disse que não tinha ninguém que tirasse ela daqui... a casa era estreita, ela mandou estirar o barracão e não tirar ela daqui, eu tive que comprar a casa do menino aí desmanchar e fazer uma só.

E o senhor toca aqui?

Toco sim! Eu fui tirar o carregio de Omolú e colocar lá ela disse que não saia... a festa dela é dia seis de dezembro, eu toco aqui. Quando eu cheguei aqui era mato, mato não! Era mata bruta, muita jerema... quando eu cheguei aqui só tinha essa casa aí ó... naquele posto médico era uma pedreira funda que cabe três casas dentro.

O senhor foi o primeiro a implantar axé aqui?

Foi, tirei minha mãe de santo de lá, aflorei um terreno e botei ela pra morar, ela morou aí embaixo... eu tenho o recibo até hoje, agora não sei onde eu coloquei esse recibo... eu pagava dois mirreiros por ano... aqui chamava rua Vila Rica, aí tiraram e botaram rua Eraclito de Carvalho. Então seu Afonso, quem lhe fez foi Agostinha, que lhe botou a mão foi Irineu, como foi que o senhor chegou em Irineu? Ele foi meu pai pequeno.

Ele é da mesma família de santo de Nezinho do Portão?

Não, não, ele era da Roça do Ventura, da casa de Zé do Vapor.

Ele não era Ketu?

Era Ketu. Agora Zé do Vapor era filho de Ogum Aydan.

Então seu Afonso, voltando à história. Me conte a parte da sua família de lá do recôncavo... quem botou a mão no seu foi Irineu... ele é do Ventura, o senhor sabe quem raspou Irineu?

Quem raspou Irineu foi a finada Leonora de Oxum, da casa de Zé do Vapor... ela recolheu Irineu, ele foi meu pai pequeno, aí quando minha mãe morreu ele tirou a mão com Irineu, e ainda ele confirmou meu santo aqui uns vinte dois anos, ainda confirmou um axogum... quem enterrou ele foi Iansã, ela levou o caixão, disse que foi um alarme em Feira! Ela veio, levou o enterro, deixou no mausoléu.

Quem é o seu juntó?

É Ogum e Obaluaê

O senhor lembra o ano que chegou aqui me Feira?

Eu cheguei aqui em 1953, eu fiquei louco, aí tive que vir para cá para colocar meu axé, eu não vi em mim, vi foi louco! Foram me buscar em Jitaúma, Mato Grosso... eu morei em várias casas de aluguel, mas quando me disseram assim, tem uma senhora que aflora terreno, eu vi aí pedi a ela eu e mais dois amigo . Eu disse asssim: minha Senhora Ernestina Carneiro eu tenho vontade de ter uma casa, não posso! Mas interesse eu tenho! Eu morava na Estação Nova, lá em cima! Eu tenho vontade de ter um quartinho por meu, eu botei uma posição, aí ela disse assim, é... eu vou mandar medir onze metros, cinco pra você... era cinco por vinte cinco! Ai foi quando eu construí essa casa... quando eu dei fé de mim a casa já tava pronta... aí ela falou: vou mandar cinco metros pra você e seis metros para seu amigo, eu paguei trezentos mirreais naquele tempo, fui pagando de cinco, de dois mirreais até que paguei toda e aprontei a casa! Aí Iansã veio e mandou chamar a Dona do terreno, aí ela respondeu e disse: que um dia ela quisesse vender a fazenda dela que vendesse, mas que deixasse a roda da casa dela deixasse aí, que não era pra vender a rodinha as casa dela! Que ela não ia sair daqui. Passou, passou, passou uns anos depois... aí o santo era no quartinho, eu morava no quarto e o santo assentado em outro. Ai o santo veio e disse que não aceitava mulher em casa não, que eu alugasse uma casa botasse a família e... a aqui só ficava o axé! Eu tive que alugar uma casa ali embaixo e aqui era só para tocar.

O senhor tem muitos filhos de santo aqui na Rua Nova?

Eu tive mais de quinhentos filhos de santo, ta tudo espalhado, mas daqui tinha uma que morreu ano passado, foi Pecilha, ela era Ebomi filha de Yemanjá com Ogum, e Maria Amália é filha de Oba, Heleno do bode e era filha de Omolú ela foi feita no Bogum lá em Salvador, ele é de não ijexá, o Omulú dela é Omolú Dakè... Ijexá! Quando ela morreu eu fui fazer o axexè dela!

E Iminejá foi seu filho também?

Iminexá foi assim... Socorro recolhe um barco de três, um barco de yaô... um ómolú, um Oxumarè, mas em Angola não tem Oxumarè, Angola é Angorò... aí ela veio para me dá o nome desses “santo” ... aí quando eu cheguei lá, tomei o nome de Omolú, tomei o nome de... diz que era Oxumarè, mas era Angorò... aí... aí... tomei o nome de Chico, tomei o nome de Elza... quando chegou em Iminexá eu disse: eu não vou tomar esse não! Ela disse: porque amigo, eu disse esse santo ta errado! Esse santo não ta aí não, ta no fundo do santo da frente! Ela raspou Oxum e era Logunedé, aí eu disse não tomo não, esse santo eu não tomo... ele bolou que Kelè, aí eu botei Nide pra dá o nome, ela tinha pouco dias que tinha recebido o Dekà. Passou poucos dias ele veio aqui, aí eu disse: eu não vou consertar seu santo... quando Célia de Oxum veio de Salvador, ela recolheu ele em Logunedè... ele ficou de mal comigo! Célia recolheu ele mas morreu logo! Eu disse Célia, Célia não coloca a mão cabeça de Iminexá! Oxe... ela morreu logo! Ela vai morrer! Quem botar a mão vai morrer! Mas quem veio tocar o axexè de Iminexá foi um rapaz de Salvador, mas fez tudo errado! Tirou as coisas de santo tudo de dentro de casa, só deixou Exú Lebara e Tiriri, deixou os dois carregou arriou tudo no mar, mas o santo dele era de água doce... aí eu disse: cuidado meu filho o pau vai quebrar!

E Socorro, o senhor lembra quando ela chegou aqui?

Ela chegou tinha pouco tempo... era filha de Oxossi com Oxum.

Maria de Lourdes Alves/Professora Lourdes – Moradora da Rua Cordeiro
Entrevista realizada dia 06 de abril de 2014

Meu nome é Maria Lourdes Alves, tenho sessenta e seis, nasci em 1948 em Anguera.

Quando foi que a senhora chegou aqui na Rua Nova?

Rua Nova mesmo foi em sessenta e cinco, foi quando meu avô morreu... eu já morava aqui em Feira, morava lá embaixo no Calumbi meu pai e minha mãe moravam lá, aí minha mãe faleceu eu fui para Anguera morar com meus avós... com o falecimento do meu avô vendeu tudo lá e comprou essa casa aqui.

Qual era a paisagem da Rua Nova?

Era uma bela pedreira que tinha ali onde hoje é o posto de saúde... e mato, muito velame, vegetação rasteira. Quando eu vi pra aqui já existia essa Rua Bandeirantes, as casas iam de uma rua a outra os quintais em cumpridos, tanto que no quintal da casa de lá, fez essa daqui, aqui tinha poucas casas... ali D. Pomba já morava ali e aquelas casas são bem antigas, eu lembro que o terreno era aflorado, as pessoas pagavam o foro do terreno, era anual. Com o falecimento de D. Pomba, ficamos assim perdidos sem saber o que fazer, quando o AMORUN conseguiu a Dourora Rita... esqueci o sobrenome dela... advogada! E ela fazia várias reuniões ali no AMORUN e nos aconselhou a fazer o pagamento do foro em juízo, ela vinha para as reuniões e nós fazíamos o pagamento, porque quando D. Pomba faleceu, apareceram parentes dizendo que iam tomar as terras, tomar as casas, só que todos comentavam que quando D. Pomba tava viva ninguém aparecia... aí quando ela morreu todo mundo apareceu toda parentela, mas quem cuidou dela mesmo foi Iaiá, foi a filha de criação, tinha Bezinha que mora ali embaixo, Neca que já faleceu. Ela criou três filhas, seu Mário e Wilson. Ela não teve filho biológico. D. Pomba era uma pessoa pública, ela se preocupava com a pessoa de baixa renda, ela dava aquele pedacinho de terra e ainda ajudava! Ela não era uma mulher ambiciosa, ela queria dividir com quem não tinha. D. Pomba era pessoas especial, tão querida você precisa ver, você podia chegar pingando ouro ou toda lambuzada, ela tratava da mesma forma, talvez ele tratasse melhor as pessoas mais humildes. Ela recebia tanta visita dia de domingo... eu digo isso porque andava muito lá, eu estudei junto com Iaiá... aquele pessoal bem humilde chegava assim, oi D. Pomba vi ver a senhora, ela ficava na sala sentada, conversava, era alegre comunicativa.

**José Ivonilton de Jesus Portela (Nilton Rasta) – Morador da Rua dos Bandeirantes
Entrevista realizada dia 10 de abril de 2015.**

Eu sou José Ivonilton de Jesus Portela, tenho 53 anos, nasci em 1962, no bairro de Rua Nova. Meu pai se chamava Valqui Portela e minha mãe Hilda Maria de Jesus.

Seus pais são daqui de Feira de Santana?

Não, meu pai é do Sul da Bahia e minha mãe na verdade é de Serrinha, migraram pra aqui e se conheceram aqui em Feira, antes de morarem na Rua Nova, eles moraram na Serraria Brasil. De lá eles compraram um terreno na Rua Nova que foi quando D. Pomba estava afluando os terrenos.

E que ano seus pais foram para a Rua Nova?

Em... 60, em 60 mais ou menos, que logo em seguida quando terminou a construção da construção da casa em 62 eu já nasci lá, já nasci no meu do ano já... já nasci praticamente no meio do ano, porque eu sou de julho, né? Praticamente eu já nasci no meio do ano, é dois anos e alguma coisa que foi o tempo de constrói, quando acabou de constrói, meus pais foram morar lá.

E você mora lá desde o seu nascimento?

Sim, até hoje.

O que você sabe sobre o surgimento do bairro?

Sobre o surgimento do bairro é mais ou menos o que eu comecei te falar aqui que D. Pomba com o tempo ela começou a ceder o espaço da fazenda que se transformou em bairro, aforando, outros ela tinha escritura, ia lá no fórum registrava no cartório, e o que aconteceu... eu que nasci lá sei da história desde quando D. Pomba ainda era viva, eu a conheci, eu tinha na faixa de doze anos de idade, de lá pra cá tem uns quarenta e um anos que ela morreu, pois eu conheci não só a história de D. Pomba, como a própria

Porque o nome do bairro é Rua Nova?

Por uma questão inusitada... pelo fato de o gado passava no Calumbi que era próximo a fazenda de D. Pomba... entre a fazenda de D. Pomba e Mimito Pinto e por esse fator o que acontecia, quando o gado chegava na direção da feira, né? Porque ele subia a ladeira de pegava a rua de Aurora, porque quando ele ia descer pro fórum, porque era lá no fórum que funcionava o Campo do Gado, ele tinha que passar nessa rua pra descer pro ferro velho, do ferro velho ir no sentido ao fórum. O que aconteceu, toda vez que ia trafegar com esse gado dava problema quando era época de feira porque o gado estourava como dizia, e saia correndo pelo meio da feira derrubava muita gente e fazia um parnavueiro como o pessoal fala, como o baiano fala... então derrubava, feria gente... outro fator... o prefeito da época que eu não me recordo quem, acho que se eu não me engano era Berbadino Bahia alguma coisa assim... ele pediu a D. Pomba para poder é... pra abri um espaço, uma rua por dentro da fazenda de D. Pomba, que essa rua viesse um acesso direto pra sai no alto do Sesi ali mais ou menos na mediação da Cajarana... na Cajarana onde fica a Cesta do Povo, então o gado ia por ali e geralmente eles desciam lá depois do jóia, certo, e seguia no sentido do ferro velho e voltava de novo ao mesmo trajeto que era já para não passar por aqui para evita justamente esse transtorno que era causado pelo gado. Então D. Pomba por abri essa rua... aí as pessoas que passavam que vinham com o gado, que vinha do Tanque do Urubu, que vinha de outros lugares por aí, que vinha de cavalo... ah, vumbora passar por aqui pela rua nova, rua nova, rua nova... por esse fator surgiu o nome do bairro Rua Nova, porque foi

ficando, foi chamando de Rua Nova e acabou dando origem ao bairro Rua Nova, essa nova rua que abriu dentro da fazenda de D. Pomba que hoje é o bairro de Rua Nova.

Você me disse que a fazenda de D. Pomba é mais antiga do que a igreja da matriz, me conte aí!

Com certeza, porque a matriz surgiu justamente depois da cidade e D. Pomba ela tem um oratório lá dentro da fazenda, do casarão justamente porque não tinha onde orar, essa prova maior que não tinha ao redor, ao existia nada de igreja, então todo pessoal da região, rio Jacuípe, do...Tanque do Urubu depois e muitos outros lugares que tinha próximo, da fazendas que tinha próxima iam orar lá! Toda noite tinha oração, às vezes tinha trezena, então iam fazer as orações que eram da igreja católica e lá tinha um oratório grande que tinha santo, que tinha tudo... então não existia nenhuma dessas igrejas nesse lugar antes da igreja do Senhor dos Passos, antes da Senhor dos Passos veio a Matriz, antes da Matriz veio a Igrejas dos Remédios que foi construída justamente para agregar os negros que não podiam se misturar naquela época era muito radical pela questão da escravidão, por esse fatos construíram a igreja dos Remédios que era a igreja dos negros, ali os negros ficava e em cima ficava os brancos, então aquela igreja é a mais antiga, então o fator de ser mais ativo aqui o espaço do casarão, é porque antes só tinha fazenda não existia nada! Porque Feira de Santana foi criada de uma feira por isso que todos os lugares é o contrário a feira nasce depois da cidade, aqui foi o contrário nasceu primeiro a feira e depois localizou a cidade, então todos “esse” lugares aqui são bem mais antigos do que a igreja da Matriz.

Qual foi a década que teve o maior fluxo de pessoas vindo para a Rua Nova?

Olha, na verdade foi nos anos setenta, porque em setenta e dois eu muito moleque, a gente via um fluxo de pessoas também fazendo êxodo rural de outros lugares, vindo até daí de cima, pernambucano, paraibano, sergipano, cearense vindo pra Feira e aí muitas vezes indo pra lá porque ouviam falar de D. Pomba porque ela tinha um coração muito bom e tal, iam aforando terreno, também tem um contingente de negro, justamente porque foi muita gente que veio do recôncavo que tinha perdido suas identidades, a escravidão deixou muitas seqüelas principalmente de moradia, aí o negro ficava vagando ao longo do tempo... morava de aluguel não tinha dinheiro ia pra rua... as casas antiga, feitas de taipa, de adobo de barro, você fincava um bucado de vara e ia fazendo, eu acompanhei, eu pivete pivete até pisava no barro também, apanhei muito por isso, mãe de danava que eu chegava em caso todo melado de barro, todo sujo.

A luz foi colocado por João Durval e o calçamento por Colbert... se eu não me engano a água e a luz foi na época de João Durval, a luz chegou primeiro do que a água.

No fundo do Alibabá existiam uma cisterna, da cisterna essa água era bombeada para as caixas da caixa para as torneiras... tinham chafariz no Cruzeiro, tinha um na Rua Nova ficava ali onde é Mimito Pinto, bem no lugar de uma casa que tem uma pedrona, vinha gente de todo lugar, a gente não tinha água encanada... nós tínhamos era túnel, a gente pegava água no túnel, botava no balde para tomar banho, a gente tomava banho de balde, ninguém nunca morreu

O lugar do Posto de Saúde de hoje, foi aterrado por lixo por muito lixo da cidade foi feito aquilo ali... que pode até daqui algum tempo causar um problema... ali tem na média de treze metros de profundidade só de lixo, eu acompanhei tudo, que eu nasci ali... então ali além daquela pedreira existia outra pedreira que Ra de um cara chamado Lili, aqui tinha várias pedreira, tinha uma ali na praça de D. Pomba, ali perto do casarão, aquele casarão é em cima da pedra... ali tinha um lugar que dava fogo como o pessoal chamava que era para tirar pedra para o pessoa fazer casa, a maioria das casas da Rua Nova as pedras são tiradas dali mesmo. Tem uma área de junto do posto que até hoje tem, que é mais alta aquelas casas

todas foram feitas em cima de uma pedra gigante que eles não conseguiram nem detonar porque era muita pedra... e a gente pescava nesse lugar, onde hoje é posto era muito fundo e grande ela tinha na média de quase cem metros de comprimento por pelo menos uns quarenta de largura, ela ia até mais ou menos aonde é a Sical, ela começava aonde tinha umas casas no alto.

A Rua Nova hoje tem uma paisagem totalmente diferente, ali era uma fazenda toda... cheia de pedra de calumbi...

Minha conte uma coisa, quando começa latejar os primeiros movimentos culturais do bairro?

Os primeiros movimentos foram os religiosos vindos com a negrada, que veio justamente do recôncavo e trouxe consigo o candomblé que é a religião de culto afro... e junto com ele vieram as questões profanas da igreja católica, por exemplo tinha o reizado que atribuía ao menino Jesus ai cantava de porta em porta... oi de casa oi de fora... por esse fator a Rua Nova ficou sendo um seleiro muito forte e daí teve outra coisa também que foi consequência disso, por ter muita negrada ali criou-se em Feira as Escolas de Samba, que já tinha batido no Rio de Janeiro a cento e tantos anos atrás... antes de ser Escolas de Samba aqui, era cordões e batucadas, depois surgiu as Escolas de Samba, depois veio os Afoxés, depois dos Afoxé veio o Afro que ta até hoje... todas de origem de matriz africana, todas, todas de recreação de brincadeiras de manifestações culturais, todos eles são oriundos justamente da vinda da negrada trouxe consigo sua raiz cultural.

O primeiro candomblé que eu me tenho conhecimento na Rua Nova, porque eu vivia muito na Rua Nova, eu conheci Licinho que hoje é Gidan que toma conta do terreiro, ele chama João, a digina dele no candomblé é que se chama Gidan... O finado Licinho foi o primeiro ser humano que vi fazendo culto afro... foi daí que veio minha vertente na música, meu pai não deixava sair ver o candomblé ou comer o caruru, de contra partida, ele deixa que quando eu ouvia as batidas de casa, ficasse fazendo os instrumentos, tocando e tal, não adiantou nada ele deixar sair porque a música veio até a mim... eu ficava dentro de casa, mas ouvia tudo! As divisões do candomblé, os lamentos! Daí eu comecei a conhecer o candomblé, depois a capoeira. O candomblé foi a grande referência para todos que surgiram na música, a maioria das pessoas que contavam ali na Rua Nova veio do meu trabalho com percussão e banda no geral, porque antes só tinha ritmista que tocava caixa, surdo, cada um tocava um tipo instrumento! Percussionista é quem toca diversidade de instrumento, diversidade de ritmo, e antes o povo só tocava frevo e marchinha, nos cordões e batucadas que vieram antes do trio.

Quando você começou a produzir instrumento?

Eu comecei cedo... meu pai trabalhava na padaria e ele trazia uns cone de papelão, aí eu tive a idéia de passar um plástico com a borracha e ia afinando... agora não sei que me ensinou, não tinha ninguém para ensinar essas coisas, a não ser a batida do Ketu que é a batida nas paletas, fora isso não tinha ninguém para me ensinar! Quem me ensinou foi minha curiosidade e o tempo.

A Rua Nova pode ser considerada um expoente nas manifestações negras?

Aqui tinha alguns lugares que despontava como Rua Nova, Baraúna, Tomba e Queimadinha, porque esses lugares era que tinha o maior contingente de pessoas negras, elas viam de outros lugares pra cá, quando não achava casa aqui ia para esses locais que eu to falando.

E sobre os arrastões?

Os arrastões surgiram de 25 anos pra cá, porque assim... quando terminava a micareta naquele tesão da festa você não tinha aonde curtir um lazer, aí uma tinha a ideia de um tocar um pandeiro, tambor, outro tamborim e sair na rua tocando ia passando alguém via e colava também, muita gente gostava de cantar aí acompanhava no gogó e na percussão... ai surgiu o que hoje a gente chama arrastão do palito, da paz, da gata, tem o Black.

Porque as escolas de samba e os blocos afros sobem as ruas na micareta, já que a festa era um espaço restrito a burguesia?

É pelo contrário de tudo que hoje ta aí, porque começou tudo com os cordões e batucadas, quem começou foi Oscar Tabaréu e Manuel de Emília juntamente com outras pessoas que eram da elite, mas gostavam. Se fazia antes um negócio chamado livro de ouro, então cada comunidade não tinha o dinheiro para bancar e a prefeitura não bancava nada, ia andando pelo comércio aonde trafegava justamente o cortejo e cada um daqueles comerciantes iam assinando o livro de ouro e contribuindo pra que comprasse material pra poder fazer as roupas e também conseguir os instrumentos, muitos grupos nasceram disso aí.

O que você tem a dizer da localização da Rua Nova?

Uma vez veio um geólogo Alemão e descobriu que o único local em Feira que dava para construir prédios com mais de trintas andares era justamente aqui na Rua Nova porque ela é toda na laje e por isso você pode construir o que for não sede e os outros locais de Feira tem esse mal do terreno ser arenoso, tem muita água.

O sobre a visão negativa que se construíram da Rua Nova?

A Rua Nova sempre teve o estigma sobre a questão da violência porque é bairro de periferia, bairro de negro... ninguém fala das coisas boas daqui, dos trabalhos sociais, futebol, da cultura, música, mas ninguém se interessa nisso, inclusive tem uma história que marcou a Rua Nova na época tinha um programa chamado Chico Caipira que foi ele quem deformou, foi ele quem deturpou e marginalizou o nome da Rua Nova... a Rua Nova passou a ser chamada Rua Nova dos diabos por causa dele, porque ele nesse tal desse programa que ele tinha... quando tinha uma confusão, briga de marido e mulher o diabo a quatro... “esse” tipos de coisa, ele chega lá nos anais da polícia e começava a fazer chacota com essa coisas e ganhar ibope, porque o povos gosta de miséria mesmo... tem um fato inusitado, tinha um cara chamado Gato Preto, já tem uns dois anos e pouco que ele morreu... uma certa micareta o Chico Caipira entrou numa roda de capoeira e quem tava lá foi Gato Preto, aí ele foi se aparecer, não jogava capoeira, quando tinha esses eventos Caipira gostava de se aparecer e um determinado dia tava tendo uma roda do lado da prefeitura, a tradicional roda de capoeira e aí o Chico Caipira chegou se aparecendo foi e deu umas rasteiras nele ele quase quebra a bacia, ficou machucado! E aí quando ele levantou, Gato Preto disse: levanta pra cair de novo, porque a idéia dele era que Chico não chamasse mais Rua Nova dos diabos, aí ele começou a chamar Rua Nova de Deus, depois desse fato que aconteceu de uma rasteira que ele tomou de Gato Preto. Ali na Rua Nova já teve lavagem... essa lavagem era justamente os períodos de festa que tinha aqui... tinha Tomba, Kalilândia, que tinha a festa de Santana, o Cruzeiro tinha lavagem ela descia na Rua Nova e voltava... descia aqui até a praça de D. Pomba, voltava pela rua de trás a 18 do Forte, subia e sai lá na Cajarana e seguia pro Cruzeiro de volta tocando... lotava a Rua Nova, era a única festa que trazia turista para cidade, a maior festa que tinha era a de Santana, Socorro tinha representação importante na festa de Santana ela que organizava a levagem da lenha, que era justamente simbolizando a riqueza que tinha o nordeste. Assiste muita televisão lá na praça da fraternidade, a gente tomava carreira, naquela época irmãos coragem, terminava a novela desliga a televisão.

E a famosa música da lavagem da Rua Nova?

A história é a seguinte... Depois que a lavagem começou a entrar na Rua Nova a vagabundagem adaptou “a lavagem é vem lá da Rua Nova cheia de “bregueira” tudo sem caçola”... essa música é assim: “a lavagem é nem da Rua de Aurora, venha essa meninas, venho cá pra fora”, ali era tudo cheio de menina, ali naquela região do minador, do tamarindo... la embaixo na rua do ferro velho.

Como era a Rua Nova naquela época?

Tinhas algumas casas que rolava som, tinha o Brasão, Brasileira e Somzão... eram as casas de reggae, depois rolava umas músicas românticas, lá tinha horário pra criança a matinê ai depois chegava os adultos. E a gente saia de um pro outro atrás das meninas.

Você fez parte da fundação do Pomba de Malê?

Fui eu o criado do Pomba de Malê, por incrível que pareça... quando a criança é marginal ninguém quer ser pai, mas quando a criança da certo todo mundo é pai, mas a verdadeira história é essa que eu estou te contando aqui, de quem viveu conhece e sabe dessa história, Existiu um cara chamado Bolão, Gilberto, conhecido como Bolão. Esse foi o primeiro cara a levar afoxé pra dentro da Rua Nova, esse Bolão trouxe dos alagados que ele morava em Salvador, aí ele criou ai dentro um afoxé chamado Filhos da África... “filhos da África primeiro ano de fé, vem saudando Bob Marley no passo do afoxé, vem saudando Bob Marley no passo do candomblé, o que é que eu sou, sou neguinho nagô”... essa música é de Jorge de Angélica. Já existia aqui em Feira o Flor de Ijexá e o Logunxé e o Toriefân. Eu vivencie, fiquei dentro, toquei, botei meu sangue da história, aí ele não quis mais sair. Nesse mesmo ano eu criei um bloco junto com Beto Maravilha chamado Zimbawe que só saiu um ano, como Beto não quis mais, eu chamei o cara chamado Moraes, conhecido como Juquinha, o próprio Bolão que tinha a idéia mais formada da onda, ele trouxe a idéia os Malês, que era da Revolta dos Malês, aí eu atribuir Pomba por causa de D. Pomba que eu conheci a figura, eu sabia que tinha que perpetuar algo pra ela, aí nasceu o Pomba de Malê, Jorge de Angélica contribuiu muito porque ele foi o cantor, Marivaldo que cedeu a casa pra gente guardar instrumento, Gidan cedia instrumento pra gente, os instrumento velho que tava lá, a gente botava o coro e ia tocar, Nunes Natureza chegou depois e contribuiu e muito, tem Gilvan que a gente chamava pé no chão porque ele corria aí, porque antes a prefeitura na dava nada. Gilvan foi uma mão na roda e a própria roda! É o Doutor Afoxé Pomba de Malê, o afoxé ta fazendo trinta anos. A escola de samba foi a primeira depois veio o afoxé, Billi Jackson a entidade funciona o ano todo, é a única em Feira que tem trabalho social, porque a bloco não pode se restringir ao micareta. Zé Caixeiro não casou co D. Pomba, ele tinha essa fazenda e tinha outra pro lado dos Olhos d'Água, ele teve um relacionamento extraconjugal, Pomba foi cocumbina dele, ela era negra, por incrível que pareça, e o cara era branco e ele morreu e ela ficou com a fazenda, ele não teve filho, ela criou muita gente, também tinha muito agregado como o próprio Babalu de Lulu que morou muito tempo lá... no canal que hoje é o esgoto, era um riacho que descia ali a gente pescava tomava banho, pegava peixe, tinha cagado d'água, tinha carangueijo.. ele nasce lá no parto razo, nas taboas... isso aí sempre teve, a gente fazia área de lazer, tinha uma ponte, que a chuva vinha e levava, pra subir pra rua tinha um caminho no meio do mato tipo caminho de formiga que só passava cavalo, a gente subia e sai lá na Rua de Aurora e tinha outro acesso que era a fazenda de Manuel Matias, mas as vezes a gente subia lá pela ladeira de Pedra, a rua do Colégio João Barbosa, era tudo brejo... só tinha aqueles dois acessos.

Edvaldo de Oliveira Rios – Morador da Rua Bandeirantes
Entrevista realizada dia 27 de dezembro de 2016

A praça fraternidade que é antiga, ali na esquina da UPP... tinha seu Edgar, seu Marcelino... o barro vermelho é antigo... tinha uma rocinha dentro da fazenda do pai de seu Evandro, Pomba já morava aqui... depois de um tempo, nos anos 70 abriram o caminho para fazer a rua Augusto dos Anjos... a Praça é dos anos 60, porque pai veio morar aqui em 57... eu ia fazer cinco anos. Primeiro veio de Pirai, sobradinho, Baraúna, depois veio pra cá.

Como foi que vocês chegaram aqui na Rua Nova?

Porque aqui era um bairro que estava se iniciando, Pomba estava cedendo os terrenos para as pessoas fazer suas casas ou aforando. Tinha os que queriam comprar que ela vendia, se tivesse aí... eu tenho até o documento dela de quando ela se divorciou.

Ela chegou a ser casada?

Casou sim, na separação ficou como herdeira de toda a Rua Nova. Ela era casada, mas o nome dele era José de alguma coisa.

Pelo que a gente sabe D. Pomba era uma pessoa muito amável e toda as pessoas que chegavam para arranjar um pedaço de terra aqui, tinha uns que podiam comprar outros não! Se eu não me engano aqui tem duas, Aleluia, que é uma das antigas moradoras... a outra é seu Mário aí... e ela vendia. Os que não podiam comprar ela aforava de acordo com que casa um desejasse de tamanho, os que não podiam nada ela até doava... “vá lá faça sua casa!”. Ela era um pessoas muito amável nesse sentido, ela não tinha ambição, então ela sempre doou.

Ela não tinha herdeiros?

Tinha Iaiá que ela cuidava... é tanto que quando ela morreu os herdeiros dela queriam tomar isso aqui... a família Mota... Zé Mota e os demais lá! Eles queriam porque queriam herdar isso aqui, só que as pessoas já moravam alguns já tinham até comprado, e eles queriam vender os terrenos de forma ilegal sem ter corrido o processo na justiça. E aí associação entrou com um processo para pagamento do aforamento em justiça. Fizemos quatros processos seu eu não me engano com mais de trezentas pessoas nos anos 75... 76, a advogada era Ana Rita Lima Braga, ainda é viva. E nesse processo o juiz determinou que as pessoas pagassem o aforamento em cartório para até que ficassem decidido que seriam os herdeiros para que fosse repassados para eles. No decorrer da história é... quando Colbert entrou para prefeito, houve uma reivindicação via associação e via lideranças para que legalizassem... e ele fez usucapião daqui do bairro, entrou na justiça e a justiça deu ganho de causa, e ao dar ganho de causa muitas gente recebeu inclusive o documento de usucapião, mas muita gente não foi buscar. A maioria hoje que mora no bairro tem direito até as escrituras. Quando José Ronaldo virou prefeito nos anos 2000 pra cá, a associação fez uma reivindicação para que organizasse o usucapião no bairro para aqueles que ainda não tinham sido feitos. Só que eles fizeram o trabalho errado! Foi feito um levantamento, inclusive das pessoas que tinham comprado seus terrenos no tempo de Pomba e que já tinham conseguido as escrituras, eles incluíram todas as pessoas e alegaram que as escrituras não tinham mais validade, só tinha validade agora as que tinham sido feitas por eles... o intuito dele era político! Eles vieram entregar esse documentos na Assembleia de Deus do Cruzeiro, depois que pegamos esse documento vimos que não tinha validade nenhuma, foi utilizado para fins eleitoreiros! Para eleger Tarcízio, o Colbert Filho que hoje é aliado de José Ronaldo foi que na época entrou com ação para proibir a distribuição desses documentos.

Quando começou a história da associação?

Começou com uma atividade com a Igreja do Cruzeiro, Senhor do Bonfim, no passado com uma associação que englobava o bairro Rua Nova e o bairro Cruzeiro, que naquele tempo só tinha a praça do Cruzeiro e o Alto do Gonçalves... é essa rua que fica a Cesta do Povo. Tinha uma armazém, a Escola Bernadino Bahia e descendo pra cá cajarana que tinha um açougue, seu Paulo Brasileiro, Sargento Arthur, Seu Viriato e Helena do Bode. Essa associação quando começou AACRN (Alto do Cruzeiro Rua Nova) que tinha como presidente Zé Pereira que morava na Rua Nova ele era dono do Trio Feirense, nos anos 60... 61. Tinha capoeira; se você não sabe o bairro da Rua Nova tem descendência de pernambucanos, paraibanos, alagoanos, cearenses, muita gente negra especialmente do recôncavo, e tem alguns de tradição judaica como minha família, a ainda tem descendente de índios e ciganos, minha esposa mesmo é descendente de índios. Essa associação começou a desenvolver um trabalho não só de capoeira com Mestre Muritiba que morava no Feira IV, ele foi assassinado nos anos 70 mais ou menos. Ele dava aula aqui, e também, tinha um trabalho de alfabetização de adultos através do método Paulo Freire, as aulas aconteciam na associação, onde hoje fica a casa de Evandro, essa casa pertencia ao Seu Marcelino, essa casa era um salão e a associação ficava ali, inclusive, eu era um dos que gostava de dormir muito de por ali nos bancos, até meus irmãos a gente dormia lá. Essa associação ensinava jovens e adultos com o método Paulo Freire com a ditadura, pior coisa para o Brasil, ela foi invadida, fechada. Meu pai mesmo apanhou alguma vezes. Foi quebrado tudo, levado tudo pela polícia que representava o Governo Militar, ainda não tinha o 35BI (Trigésimo Batalhão de Infantaria) que ficava aqui em cima na Matriz onde já foi Palácio do Menor. Meu pai José Martins Rios, apanhou, chegou a ter tuberculose... estragou com os pulmões, quebrou costela! Eu via meu pai apanhar... isso tudo! A gente ficava muito triste com essas coisas porque a gente não podia passar na rua, a gente não podia... eu mesmo quando era criança já fui chamado várias vezes quando eu ia fazer uma compra, ele paravam “você tá indo pra onde?”, “tô indo ali fazer uma compra”... realmente eu ia fazer compra, mas a gente era vigiado 24hs. O Capelão entrava aqui, mas independente do Capelão, tinha a polícia que entrava aqui e fazia suas rondas. Fechada a associação em 64... algumas pessoas tiveram que fugir daqui como Zé Pereira que era presidente e Seu João Albuquerque (João do Armarinho) que era secretário, tinha Seu Salvador que morava a rua Guarany, todos esses fugiram por uns tempos. Meu pai mesmo não saía de casa, ele tinha um informante da própria polícia que aqui do bairro de vez em quando dava uma fugida e vinha aqui... “ei psiu! O pessoal da polícia tá vindo aí e quer te pegar”, e aí ele ficava dentro de casa. Todos eram perseguidos! Para eles tudo era subversão, porque ser contra a maldade que eles faziam era comunista, independentemente de ser comunista, meu pai nunca se quer teve conhecimento do que era ser comunista, ele era PCD, o atual PMDB que naquele tempo era o partido de Chico Pinto que foi deposto e Joselito Amorim assumiu no lugar dele. Rua Nova nesse tempo por reivindicação, como o bairro tinha muita água embaixo do solo... não tinha nem como fazer fossa naquele tempo qualquer coisa minava água era complicado para isso, nisso Chico Pinto abriu aquele pasto de Osmundo e ia fazer toda a rede de esgoto do bairro, aí quando a ditadura veio fechou aquilo tudo, as manilhas ficaram na rua por muito tempo, aí não fizeram a rede de água. Em 67, mais ou menos nesse período a gente começou com um grupo de jovens do bairro e Josafa era o presidente e a partir desse grupo começou a se discutir a formação da nova associação AMORUN (Associação de Moradores da Rua Nova) que surgiu em 20 de setembro de 68 tendo como primeiro presidente Seu João... eu esqueci o resto do nome, tem no livro da associação. Depois dele foi Seu Raimundo Vaz, Seu Justiniano e assim vai... a associação começou com atendimento médico, depois reivindicamos que a pedreira que hoje é o posto de saúde, na época ela tinha mais de dez metros de fundura aí pedimos que ela fosse aterrada porque morria gente afogada, tinha muita muriçoca, mosquito que

transmite a febre amarela, eu mesmo tive, porque também vinha os carro de lixo que fazia coleta na cidade e jogava lixo aí... era o lixão de Feira... risos! Se convivía com essa sujeira, essa imundice. A gente começou a reivindicar, nessa época o prefeito era Zé Falcão e aí ele resolveu entulhar tudo, daí esse espaço passou a ser um espaço público onde no decorrer da história no tempo de Colbert a gente reivindicou e foi criado a UBS (Unidade Básica de Saúde). Primeiro o AMORUN tinha dez médicos voluntários, tinha o primeiro trabalho de pré-escola antes de implantar as escolas. No tempo da associação Alto do Cruzeiro Rua Nova começou a se reivindicar as rede de energia elétrica no tempo de João Durval, e aí foi implantada a rede de energia elétrica no bairro e foi implantada também a escola Ernestina Carneiro, a escola é de 66 e a água começou a vir depois dos anos 70... a parte da água foi via AMORUN. A escola e a energia foi articulação do grupo de jovens. A associação foi fechada em 65. João Durval tomou posse em 66, nesse tempo nós já tínhamos o grupo de jovens, daí começamos a reivindicar, na gestão de Colbert ele fundou o posto de saúde, escola Tereza Cunha Santana, mas antes disso começamos com a creche e pré-escola na qual atendíamos uma demanda crianças, depois se alugou uma casa para funcionar o posto de saúde para atendimento da comunidade, eram dez médicos, pediatras, clínico ginecologistas, isso funcionou durante dez anos. Lá também teve curso de datilografia, com professora Leonor, depois a escola de atendente de enfermagem, o primeiro curso de Feira de Santana foi aqui na Rua Nova, esse povo que hoje tá aposentado tufo passou por aqui. A parte teórica era ministrada no AMORUN por médicos com apostilas e a parte prática era ministrada no D. Pedro de Alcântara. No decorrer da história da Rua Nova nós tivemos a primeira escola pública do bairro, a Escola São José, num prédio que era de D. Pomba, ficava ali na entrada da rua Heraclito de Carvalho, tinha duas turmas, uma com a Professora Palmira, Diva Bastos Bahia, foi até minha professora, isso tudo aqui já tinha se transformado em bairro porque como: você tinha a Itororó onde passava as boiadas daquelas região de Serrinha e São João e também a Tomé de Souza que é uma das mais velhas, já Augusto dos Anjos foi a partir no anos 70 que começaram a abrir, lá pra cima tinha uma rocinha que era do pai de Evandro, ficava aqui dentro da fazenda de Pomba... pelo tamanho era considerado uma fazenda tanto que no documento ela chama de Fazenda Ernestina de Almeida, antes tinha outro nome que eu não lembro agora, só pegando o documento da separação dela... essa fazenda ela ganhou na divisão de quando ela se separou do marido, ela recebeu isso! Nós pegamos no fórum para ter o histórico de Rua Nova. O bairro praticamente já tinha começou no anos 50, tinha diversos moradores aqui como seu Edgar, Seus Vitorino, tinha também Seu Marcelino e D. Inês, depois veio outras pessoas como meu pai. A partir do anos 58 começou-se algumas casas na rua 18 do Forte, e que quando começou deram o nome de Rua Nova porque era uma rua nova que estava sendo feita, já tínhamos já, a rua Heraclito de Carvalho, Goés Calmon, Itororó e Tomé de Souza... começaram a fazer umas casas na 18 do Forte, que era denominada rua nova, como foi crescendo tiraram o nome da rua nova e colocaram no bairro. A questão da rua Augusto do Anjos foi reivindicação do transporte porque uma Kombi transportava os moradores para o centro da cidade. Que antigamente a feira era lá no Mercado de Arte, era aquela rua toda, pegava Senhor dos Passos toda, antes do Centro de Abastecimento. As pessoas que tinham suas mercadorias que vendiam, às vezes ficavam difícil de levar, além de ir para outros bairros distantes e tal, então, tinha essa Kombi, o que é que ela fazia: ela vinha pela Barroquinha, certo?! Descia a Barroquinha toda entrava na Rua Nova, na rua Aníbal Tavares descia direto e lá tinha uma passagem que era ali na Rua dos Guaranis que abriu e entrava na Tomé de Souza para pegar as pessoas, às vezes subia pela Matriz e as às vezes retornava e subia pela Barroquinha, isso a partir de 68, aí com João Durval se reivindicou a possibilidade de abrir a rua Augusto do Anjos para o trajeto ficar mais rápido, aí foi aberta a rua e calçada. Aí a Kombi começou a vir por aqui, nisso não ficou mais só uma Kombi porque já se tinha muita gente, a partir de 60 a Rua Nova já

era um bairro mesmo. Os demais calçamentos foram feitos por Colbert, isso nos 76, José Falcão foi de 73 a 76. Nós reivindicamos a creche Zé Rios que mais tarde foi dividida. Todas coisas as transformações que aconteceram aqui foi por conta da associação, aquelas caixas coletoras de lixo que tinha aqui no bairro foi reivindicação nossa, a gente foi para a câmara de vereadores e ficamos lá até 03h da manhã quando os vereadores viram que a gente não ia sair, resolveram aprovar, não queriam aprovar. A gente jogava lixo no meio da rua ou queimava, aí gente começou a reivindicar porque os carros de lixo passava com muita dificuldade. Isso foi aprovado em uma seção no ano de 74.

Recibo.

Recibi do Sr. Armando Lobo, a quantidade de Cr. \$ 8,000,01 oito mil euseiros, de uma armacaõ, de uma casa, que eu lhe vendi, com dois garõs nos terrenos da propriedade de D. Ernestina Carniero da Silva Almeida. Como testemunha da compra e venda firm.

Ernestina Carniero da Silva
Julio Costa Guerra

Erinaldo Sales
Leira de Santana
reina
17 1959



Recibo de compra do Senhor Armando Lobo. (Ano 1959)

N.º 96 N.º Cr\$ 15.00

Seiado com Cr\$

Recebi do Sr. Emiliano Bispo

a quantia de

quinze cruzeros novos

proveniente do aluguel de 3% de uma casa que ocupa a rua Nova, vendida por N.º Cr\$ 500,00

em de de 19

Aluguel	Cr\$	
Maj. de Aluguel	Cr\$	
Taxa d'água	Cr\$	
» de Saneamento	Cr\$	
» » Predial	Cr\$	
	Cr\$	
Total	Cr\$	

Feira de Santana 21- 1º de 19.68

João Ernestino Carneiro F. de Almeida

Ass. Boaventura

Recibo de Pagamento de aforamento – 21 de janeiro de 1968

Recibo

Recebi do Sr. Armando

a quantia de 35.000 cruzeros novos

proveniente de uma casa que ele vendi

na rua Cordão de São S. M. (2) dois cômodos

4 metros de frente por 25 de frente fundo

com (1) uma porta e uma janela

ficando responsável passar o documento

quando lhe for procurado

Feira 11 de Junho de 1968

Emiliano Bispo

Recibo de Pagamento de Aforamento - 11 de junho de 1968

CONTRATO DE AFORAMENTO

Proprietária: ERNESTINA CARNEIRO FERREIRA DE ALMEIDA
brasileira, viuva, proprietária, residente nesta cidade;

Foreiro: Armando Lobo

Objeto do Contrato — Uma área de terra desmembrada da antiga Chácara Gonçalves, bairro do Calumbi, nesta cidade, registrada no livro I B, auxiliar, sob n.º 21, do registro de Imóveis desta Comarca;

Situação e Condições:

- 1) — A área dada em aforamento mede 4 metros de frente, por 25 metros de frente a fundo, fazendo frente para o lote à Rua Lordeiro de Távares.
Limitando-se: lote a referida rua, sul -
norte Manoel
- 2) — Pelo aforamento da área acima descrita, que se destina a construção, o foreiro pagará o fôro anual de NCr\$ 10,00;
- 3) — No caso de venda do terreno aforado, o foreiro fica obrigado a dar preferência à proprietária, a qual terá o prazo de 30 dias para exercer o direito de Opção; caso não seja exercido o direito, o foreiro pagará o laudêmio de 3% sobre o valor da venda, tomando-se por base a avaliação procedida pela Recebedoria de Rendas para cobrança do imposto de transmissão;
- 4) — Deixando o foreiro de pagar as pensões devidas, durante 3 anos seguidos, extingui-se-á o aforamento ora contratado;
- 5) — O presente contrato obedecerá ao que determina o Código Civil.

Feira de Santana, 20 de dezembro de 1969.

Proprietária: Ernestina Carneiro Almeida

Foreiro: Armando Guerra Lobo

TESTEMUNHAS: Maria Lima de Oliveira
Edna Abreu do Val

ANTÔNIO MANOEL DE ARAÚJO
TABELIAO
CARTORIO DO 1.º OFICIO
Av. Senhor dos Passos, 1065
Feira de Santana - Bahia

Reconheço a firma Armando Guerra Lobo e Ernestina Carneiro Almeida
Armando Guerra Lobo e Ernestina Carneiro Almeida
Data de 20 de dezembro de 1969
Em test: de da verdade
Armando Guerra Lobo
TABELIAO

SECRETARIA DE REGISTRO
TABELIAO
1.º OFICIO
DEZ-69
FEIRA DE SANTANA



Candelabro
Ilustração: Flávia Santana Santos



As lavadeiras
Ilustração: Eduardo Matheus Xavier



Casario
Ilustração: Flávia Santana Santos



Quartinha
Ilustração: Flávia Santana Santos



Casinha
Ilustração: Flávia Santana Santos



Moringa
Ilustração: Flávia Santana Santos



Nega
Ilustração: Eduardo Matheus Xavier



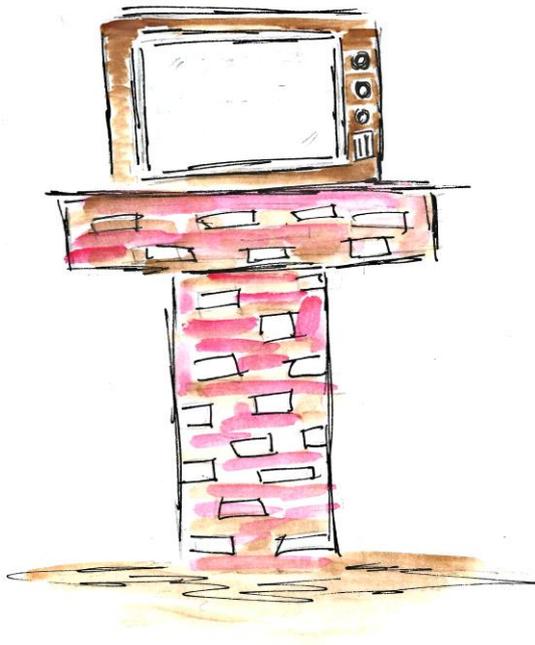
A venda
Ilustração: Eduardo Matheus Xavier



Casinhas
Ilustração: Flávia Santana Santos



Jarro e mesa
Ilustração: Flávia Santana Santos



A televisão
Ilustração: Flávia Santana Santos